

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1150070196



FE

T/UNICAMP P926a

Dissertação de Mestrado

ATIVIDADES RÍTMICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
RELAÇÕES DE GÊNERO, PRECONCEITOS E POSSIBILIDADES

Autora: Michelle Guidi Gargantini Presta

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliana Ayoub

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
Michelle Guidi Gargantini Presta e
aprovada pela comissão Julgadora.

Data: 12 de maio de 2006

Assinatura:

COMISSÃO JULGADORA:

Campinas

2006

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA	
T/UNICAMP	
	P926a
V	EX
TOMBO BC/	70196
PROC	16.123-06
C	☐
D	☒
PREÇO	11.000
DATA	28-9-06

BIB ID: 388287

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P926a Presta, Michelle Guidi Gargantini.
Atividades rítmicas na educação física escolar : relações de gênero,
preconceitos e possibilidades / Michelle Guidi Gargantini Presta. -- Campinas,
SP: [s.n.], 2006.

Orientador : Eliana Ayoub.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Ritmo. 2. Preconceitos. 3. Ensino. 4. Relações de gênero. I. Ayoub,
Eliana. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
III. Título.

06-175-BFE

Título em inglês : Rhythmic activities in the school physical education: relations of gender, preconceptions and possibilities

Keywords: Rhythm; Preconception ; Teaching ; Relation of gender

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profa. Dra. Eliana Ayoub (orientadora)

Profa. Dra. Elisabeth Paoliello Machado de Souza

Profa. Dra. Roseli Aparecida Cação Fontana

Profa. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernandez

Profa. Dra. Helena Altmann

Data da defesa: 12/05/2006

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : mipresta@hotmail.com

Agradecimentos

À querida mamãe.

Ao Jú.

À Nana.

À minha família.

A todos os amigos e amigas.

Aos queridos alunos e alunas que têm me inspirado a buscar sempre.

RESUMO

- "Professora, não quero dançar, não vou participar!" Essa frase de um menino impulsionou a realização desta pesquisa. Após ouvi-la quando propus uma atividade na aula de educação física, comecei a refletir sobre as questões de gênero na educação física e na escola, sobre os conhecimentos estudados nas aulas e sobre a atuação do profissional nesse contexto. Surgiram então muitas inquietações, dentre as quais destaco a seguinte: como dar oportunidade aos alunos e alunas para estudarem os conhecimentos relacionados à dança e à ginástica, com menos preconceitos e amarras? Motivada em encontrar possibilidades de resposta a essa questão, decidi realizar um estudo que aliasse a pesquisa bibliográfica à pesquisa de campo, na qual desenvolvi um trabalho focado nas atividades rítmicas, uma vez que tais atividades estão inseridas no universo de conhecimento da dança e da ginástica, e a partir disso pude observar melhor os alunos e as alunas e as relações de gênero que se estabelecem no trato com esses conhecimentos. A pesquisa de campo esteve, portanto, focada na compreensão das atitudes dos meninos e das meninas durante as aulas, bem como na reflexão sobre a minha própria atuação como professora e pesquisadora. Penso que, a partir de um trabalho atento e preocupado com os estereótipos e preconceitos de gênero que envolvem as práticas corporais, é possível questionarmos com nossos alunos e alunas as relações de gênero que se estabelecem na educação física e na escola. E foi justamente isso que busquei com a realização dessa pesquisa. Considero que o trabalho realizado suscitou mudanças na escola, principalmente no comportamento dos alunos, que passaram a se abrir para diferentes vivências corporais e, sobretudo, mostrou-me que ousar pode trazer benefícios para o meu crescimento como professora e como pesquisadora.

ABSTRACT

"Teacher, I don't want to dance, I won't participate of your class!" This statement from a boy boosted this research. I heard it after I proposed an exercise on my Physical Education class. Then, I started to reflect about gender matters at school, the knowledge learned on theses kinds of class and the professional performance in this context. A lot of anxiety started to arise in which it is important to point this one: How can I give the chance to boys and girls to study these knowledge related to dance and gymnastics without prejudice or inhibition? I was motivated to find possible answers to this question, so I decided to realize a study that could join the bibliography of the research and the fieldwork in which I developed a work focused on rhythmic exercises, once these are on the universe of dance and gymnastics knowledge. From this, I could observe better the students and the gender relations that are established on this knowledge. The fieldwork was focused on the understanding of the attitudes from boys and girls during the classes and on the reflection about my performance as a teacher and a researcher. I think that from this work, worried about stereotypes and prejudice that evolved body activities, it is possible to ask our students how is he gender established on Physical Education classes and at school. And it was exactly what I did on this research. The work developed produced an effect on the school, specially on the behavior of the students that started to participate on different experiences with their bodies. It showed me that dare with something could bring benefits for my growth as a teacher and as a researcher.

Sumário

Batidas ao longe...	08
A Aventura...	14
	22
Encontros e desencontros no processo vivido...	
Batidas duradouras	84
Bibliografia	87
Anexo	92

"Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida"

(Benjamin, 1985, p.221).

Batidas ao longe ...

Era uma vez, uma menina que queria ser bailarina, mas que um dia, após ouvir a frase da então professora de balé: "você parece uma baleia", afastou-se desse sonho e foi se aventurar por outros caminhos. O corpo realmente não era mais longilíneo, talvez mais próximo de uma "baleia" do que de uma bailarina. Mas o corpo existia e precisava continuar se movimentando de algum jeito, mesmo que não mais no balé. Na época, esta menina, morava em um lugar muito especial: famílias viviam nos seus apartamentos e compartilhavam a mesma área de lazer, num condomínio, permitindo um contato grande principalmente entre as crianças. Foi nesse cenário que a menina, juntamente com outras amigas, não menos sonhadoras, criaram um grupo que tinha como objetivo apresentar peças teatrais e organizar festivais de dança. Nas peças, a participação era restrita, somente o grupo se encarregava das apresentações; já no festival as crianças faziam a inscrição e depois de dois meses de ensaios intensos organizavam a apresentação para familiares e convidados.

A menina percebia que aquela frase da professora que ecoou com tanta força e crueldade tinha o lado bom. Outros caminhos foram percorridos, a busca pela criatividade e pela necessidade de ensinar tiveram início naquele momento.

Uma súbita mudança de cidade separa a menina de suas amigas, mas não do desejo de continuar trilhando pelas manifestações artísticas, na área da dança e do teatro. A menina cresce, tornando-se moça, decide percorrer outros caminhos. Foi assim que procurou o curso de educação física, afinal, esta área lida com o corpo, pensava inicialmente, na tentativa de convencer-se de sua escolha precoce. Talvez não tão precoce. Esta decisão fora tomada antes, quando ainda era menina.

Em meio a tintas, risos e choros, a vaga, enfim, é conquistada.

Começavam então outras inquietações, coisas velhas "caíram por terra" e mentiras tornaram-se verdades absolutas ou construídas a partir daquele momento. O curso de graduação ia provocando conflitos com tudo que tinha ouvido durante sua vida escolar.

Essa moça, não atleta, encontrava-se com colegas esportistas que buscavam uma especialização para suas modalidades. Mais conflitos. Ela não era atleta. Algumas dúvidas fortes acerca da escolha começavam a aparecer. Quais caminhos percorrer? Teria sido a melhor opção para sua vida?

Inicia-se então uma nova e emocionante aventura. Ter a oportunidade de vivenciar uma faculdade trouxe momentos de ansiedade, medo e vontade de querer mudar. Mudar posturas, conceitos e pensamentos. Fazer novas escolhas ou continuar com as velhas.

A certeza de uma boa escolha começou a ficar clara quando surge em sua caminhada a ginástica. Possibilidade de voltar ao sonho do balé, aventurando-se por esse conhecimento da Educação Física. Uma professora do curso de Educação Física convidou-a para participar dos treinos de ginástica artística com o intuito de auxiliar as ginastas com os movimentos característicos do balé, devido à sua experiência anterior.

A moça "não ginasta", mergulha e busca formas de aprender cada vez mais. Vitórias e derrotas obteve nesse caminho, que parecia ser fascinante e desafiador. Aprender algo que não fora vivenciado e que o corpo talvez não conseguisse mais executar, trouxe sentimentos motivadores para buscar formas de ensinar aquilo que não podia ser demonstrado corporalmente, somente explicado, principalmente os movimentos acrobáticos. Conforme o tempo foi passando, a ginástica encobria o balé, e isso a levava a perceber que os sonhos de ser bailarina não estavam mais

presentes. A convivência na universidade e principalmente na Faculdade de Educação Física levaram esta moça a conhecer não só a ginástica mas diferentes formas de se trabalhar com ela.

A participação em um grupo de ginástica geral fazia-a voltar aos tempos de menina, tendo a oportunidade de experimentar novas possibilidades corporais, antes não imaginadas, e almejar novos horizontes.

A aventura, nesse momento, começava a emergir no ensino, a moça, torna-se mulher e professora, com "título e tudo", e busca significados para esse novo papel de educadora.

Assumindo novos papéis, surgem outras escolhas. Uma delas é o trabalho com o treinamento da ginástica. Aquilo que a motivara no início do curso, ao final não mais a estimulava, devido às obrigações que o norteiam como: exercícios técnicos padronizados, graus de pontuação, necessidade de treinos exaustivos e o bom resultado acaba sendo alcançado por poucos, enfim, há pouco espaço para a liberdade e a criatividade.

Um outro encontro. Chega então a vez da ginástica geral. Perfeito! Consegue encontrar a ginástica, a música, a dança, a cultura popular, a liberdade e a criatividade... Esta atividade gímnica não tem objetivo competitivo, tem um forte caráter demonstrativo e incentiva não só o aprendizado da ginástica, mas também da troca de experiência entre os participantes. E foi por esse caminho que encontrou as atividades rítmicas, "batidas", que a impulsionavam a mergulhar cada vez mais nesse universo.

Esta mulher/professora decide lançar-se ao mar, como fazem as tartaruguinhas que deixam as águas as levarem pelo oceano.

As águas e os ventos levaram-na para a escola, sua nova paixão, mas esse caminho não foi (ou não está sendo) fácil. Deparou-se com diferentes pensamentos,

formas de enxergar o fascinante mundo da educação formal, maneiras distintas de compartilhar os conhecimentos. Os aventureiros que se encontram nessa caminhada marcam momentos de discussão e reflexão acerca da Educação e da Educação Física⁴.

Como professora foi buscar conhecimentos para trabalhar com os alunos. Encontrou alguns que acreditava serem os mais adequados e coerentes com o ambiente escolar, como a ginástica, a dança, o esporte e o jogo. As formas como iria trabalhar com tais conhecimentos também foram estabelecidas através de outras pesquisas.

Nessa nova experiência alguns momentos ficaram mais marcantes. São aqueles que promoveram inquietação e motivação. Nesse caso, foram os preconceitos e limites ao novo que os alunos apresentaram, mostrando a necessidade de uma pesquisa e uma reflexão. Em relação a esses preconceitos, os alunos (será que são só os alunos?) parecem conchas fechadas e que se recusam a abrir para que possamos ver a beleza que realmente guardam em si (pensamentos incrustados): suas pérolas.

Essa beleza pode estar na liberdade de se expressar e na possibilidade de permitir que sentimentos sejam mostrados. Romper barreiras, perceber que não existe limite para as emoções e para as vivências corporais.

O que chamou mais a atenção foi que o preconceito que alguns meninos e meninas, têm, frente às atividades relacionadas à dança, à música e à ginástica demonstra certa fragilidade, não estão totalmente calcificados. São preconceitos impostos e incorporados como verdadeiros.

Talvez tenha sido isso que mais a motivou a estudar as relações de gênero, suas nuances e indícios. Diante de uma vontade em expressar os sentimentos que

⁴ Durante este trabalho, quando estiver me referindo à Educação Física como área do conhecimento serão utilizadas as suas iniciais em letra maiúscula. No momento em que me referir à prática pedagógica na escola, usarei com as iniciais em letra minúscula.

precisa ser reprimida, pois assim é recomendado pela sociedade, deixando o "sexo masculino", dito forte, fragilizado sem saída.

Esta professora decide se aventurar por caminhos já navegados mas não explorados, por ela mesma, com o olhar daquele que quer descobrir novos horizontes, novas formas de pensar e refletir sobre as atitudes e os comportamentos, dos alunos e dela própria no ambiente escolar. Esses caminhos reservam obstáculos difíceis, mas como pesquisadora/aventureira resolve encarar esse desafio, sugerido por ela mesma e deixar que o acaso se encarregue das surpresas que nele estão guardadas.

A aventura tem início neste projeto de pesquisa. Tudo começou de maneira diferente e algumas surpresas apareceram logo no início do caminho. O percurso estava só começando e o(s) desconhecido(s), outros aventureiros, novos autores, surgem com idéias e pensamentos inexplorados pela pesquisadora. A compreensão que tinha era diferente dos outros colegas mestrando e doutorando, afinal eram de diferentes áreas: educação física filosofia, pedagogia, história, matemática. Na tentativa de entender novas idéias e refletir sobre assuntos antes não imaginados, a professora de educação física enfrentava momentos de desespero. O que a pesquisadora/aventureira não sabia é que essas tensões seriam completamente relevantes para que conseguisse continuar a caminhada.

Passados os primeiros momentos de tensão pode-se perceber que a aventura nunca acaba para os fiéis desbravadores. A cada passo surgem novos apontamentos e novas pegadas, que quando desejados e/ou necessários podem ser (re)vistos para a tomada de uma nova direção. O tempo faz com que as emoções mais fortes revertam-se em entusiasmo. Depois de retomar o fôlego, a pesquisadora inspira-se nos encontros revelados no início da caminhada e decide mergulhar profundamente na aventura.

"Na busca das significações do outro, o investigador deve pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de entender, conceber e recriar o mundo"

(André, 1995, p.45)

A aventura ...

Essa aventura teve início no ano de 2002, numa escola particular da cidade de Campinas-SP, onde eu atuava como professora de educação física para as turmas do ensino fundamental, nos ciclos: 1ª a 4ª série e 5ª a 8ª série.

Tal escola possui como mantenedora uma comunidade de pais e apresenta características domésticas em sua estrutura física, já que é uma casa adaptada, mantendo salas com poucos alunos, na tentativa de melhor atendê-los dentro de suas necessidades. A escola é muito procurada por alunos com deficiências físicas e dificuldades de aprendizagem, apesar de não ter apenas este enfoque. Esta inclusão tem sido um desafio constante para o corpo docente e administrativo da escola, visto que, temos de lidar muitas vezes com o preconceito de pais e alunos, e ousaria dizer também, de alguns profissionais que lá atuam. É um processo demorado, já que buscamos a integração do deficiente dentro do grupo, sendo aceito da maneira que é, com suas potencialidades e limitações. Afinal, quem não as tem?

Esse ambiente acolhedor favorece a liberdade de expressão dos alunos e dos professores, que buscam trazer um diferencial além do conhecimento das disciplinas obrigatórias. Temos a oportunidade de expor novas idéias, sugerir materiais didáticos, elaborar atividades diferenciadas de acordo com o conhecimento trabalhado etc. Isso é muito importante, visto que, atualmente existem muitas escolas que utilizam o método de apostilamento, sendo o mesmo material utilizado em toda rede de ensino pertencente a uma mesma franquia. Os professores precisam cumprir o maior número de lições no menor tempo possível. É a corrida contra o tempo e a favor do vestibular.

Nesse mesmo ano, 2002, como é comum nas escolas, no período de junho, são organizadas festas, conhecidas como "festa junina". Esse evento tem como objetivo, reunir as famílias dos alunos e apresentar os trabalhos desenvolvidos durante os meses que antecedem a festa. Na área da educação física os alunos participam apresentando danças, que ficam a cargo do(a) professor(a) da disciplina organizá-las.

Em meados do mês de maio, demos início ao ensaio das coreografias. Escolhi as músicas, elaborei os passos e as movimentações, para então mostrar aos alunos. Nesse momento tinha a idéia de que somente a professora poderia executar tal tarefa, sem a participação dos alunos e alunas.

Na aula seguinte fui surpreendida com a pouca adesão dos meninos, principalmente aqueles que cursavam a 7ª e 8ª série. Estabeleci naquele momento, que aqueles que não quisessem participar teriam sua nota diminuída. Mesmo assim os meninos se recusaram e disseram que quanto à nota não tinha problema, pois educação física não reprovava. Primeiro indício, a minha face podia mostrar o meu constrangimento e a minha impotência perante essa observação. Nesse momento descobri que tinha agido erroneamente, mas não conseguia ver uma saída. Combinamos então que aqueles que não participassem da apresentação deveriam fazer um trabalho com o tema "festa junina" para ser apresentado à turma, devendo conter nesse trabalho um pouco da história dessa festa típica e suas principais características. Sem sorrisos, nem reclamações aceitaram a tarefa, pelas atitudes acredito que tenham achado melhor ficar algumas horas na internet buscando informações do que se expor e participar das aulas.

Eles fizeram o trabalho e os outros alunos participaram das apresentações, mas não posso omitir o quanto aquilo me incomodou. Na verdade, disse anteriormente a palavra erroneamente, pois percebi que aquilo teve pouca

contribuição para a vida deles, e para aula também. Tive a sensação, pelo jeito que apresentaram o trabalho, que apenas cumpriram mais uma tarefa, dentre tantas presentes no currículo escolar.

No ano seguinte, já tendo passado por tal experiência, comecei a buscar alternativas que pudessem motivar aqueles alunos que não quiseram participar, assim como os outros que dançaram sem grande motivação, somente para cumprir a obrigação. Como aliada nesse processo tive as pesquisas acadêmicas, realizada no mestrado, que permitiram novas formas de ação e respostas a alguns questionamentos que ainda não estavam muito claros.

Nesse momento tive bem claro que deveria começar pelos estudos de gênero, tentar compreender um pouco mais tais comportamentos e atitudes, através de uma perspectiva cultural. Pensar sobre como vamos nos constituindo homens e mulheres, já que temos a (...) *compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; (...) a sexualidade é 'aprendida', ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos* (LOURO, 1999, p.11). Não podemos pensar o ser humano restrito à sua dimensão biológica, uma vez que *Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados* (Louro, 1999, p.14)

Fragmentos de práticas, exemplificam que através dos trajes, jogos e brincadeiras podemos observar como os gêneros masculino e feminino vão se constituindo. Durante todo o século XVII, os bebês, meninos e meninas, usavam como traje, longos vestidos, abertos na frente, fechados com botões ou com agulhetas (ARIÉS, 1981). *Coloca-se (nas crianças) uma camisola curta, meias bem quentes, uma anágua grossa e o vestido de cima, que tolhe os ombros e os quadris com uma grande quantidade de tecido e pregas, e diz-se a elas que toda essa tralha lhes dá um ar maravilhoso* (ERASMO apud ARIÉS, 1981, p.33). Somente por volta

dos 10 anos de idade é que os meninos começavam a usar calças justas e as meninas eram vestidas como mulheres adultas (ARIÉS, 1978). (...) *e foi preciso esperar o fim do século XVIII para que o traje da criança se tornasse mais leve, mais folgado, e a deixasse mais à vontade* (ARIÉS, 1978, p. 33).

Quanto aos jogos e brincadeiras, por volta de 1600, observamos que (...) *a boneca não se destinava apenas às meninas. Os meninos também brincavam com elas. Dentro dos limites da primeira infância, a discriminação moderna entre meninas e meninos era menos nítida: ambos os sexos usavam o mesmo traje, o mesmo vestido* (ARIÉS, 1981, p. 49). Depois dos quatro anos as crianças passavam a jogar e brincar como os adultos. E hoje pode parecer um absurdo que meninos usem vestidos e/ou brinquem de boneca. *Os corpos são, afinal, significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados. Eles são históricos e inconstantes, suas necessidades e desejos mudam. Eles se alteram com a passagem do tempo, com mudanças nos hábitos de vida, com possibilidades distintas de prazer, com novas formas de intervenção médica e tecnológica, com novos rituais, códigos e linguagens* (LOURO, 1999, orelha do livro).

Os aspectos culturais são os que geram a identidade de gênero, a partir do momento que nos tornamos homens e mulheres de acordo com o que nos é ensinado e está à nossa volta, podendo gerar a discriminação e a desigualdade social. (...) *os significados que damos à sexualidade e ao corpo são socialmente organizados, sendo sustentado por uma variedade de linguagens que buscam nos dizer o que o sexo é, o que ele deve ser e o que ele pode ser* (WEEKS apud LOURO, 1999, p.43).

Os professores podem utilizar discussões na escola sobre os papéis sexuais a fim de pensar formas de ação que possam contribuir para vivências não discriminatórias.

Na disciplina de educação física alguns pontos foram modificados, em algumas escolas, ou poderia dizer na maioria delas as aulas são mistas, meninos e meninas, principalmente no primeiro ciclo do ensino fundamental (1ª a 4ª série). Porém mais importante que juntar todos os alunos é pensar como o trabalho pode ser desenvolvido, pois é muito comum termos turmas mistas e continuarmos priorizando atividades para meninos e atividades para meninas, como por exemplo futebol e voleibol respectivamente. E esses consequentemente continuam escolhendo tais atividades.

Esses movimentos preferidos/evitados, segundo a especificidade dos sexos mostram mais do que preferências casuais: neles se reproduz essa hierarquia e o "mundo de vida" no qual cada identidade sexual (ou de gênero) se constrói e onde, tradicionalmente, cada sexo se movimenta (SARAIVA, 1999, p. 85).

Para compreender melhor como esses gêneros masculino e feminino se comportam nas aulas de educação física, mais especificamente nos conhecimentos ligados à área da dança e da ginástica, apoiei-me no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), na tentativa de perceber as minúcias presentes no comportamento dos discentes. Minúcias que passam despercebidas; pistas que eles podem dar ou já deram para refletir sobre as relações de gênero nas aulas de educação física. Algumas já estavam claras: aquelas caras "feias" e o desinteresse em participar das aulas relacionadas às danças. Muitas vezes os gestos ou palavras que nos saltam aos olhos são pensados ou programados, mas aqueles que passam escondidos também revelam as nossas vontades e desejos.

Durante a pesquisa, a incerteza do que seria encontrado (essa frase só pode ser considerada se por alguns instantes deixarmos nossos próprios preconceitos), provavelmente levaria-me a buscar as pistas propulsoras à reflexão sobre as

relações de gênero. As observações precisam ser constantes, pois: *Atentos aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados - portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas* (LOURO, 1997, p.59). Como um detetive que começa a observar tudo e todos para descobrir indícios que o levem ao desfecho do "caso". Só que nesse caso, não haveria apenas um desfecho, mas sim observações que poderiam mudar o curso dessa jornada, da minha jornada, que com certeza não seria mais a mesma. Como professora e/ou pesquisadora passaria por mudanças. A vivência com os alunos foi tomada como um ponto de partida para a pesquisa, as observações direcionaram as reflexões.

Estava decidido, a pesquisa seria desenvolvida nessa escola nas aulas de educação física. *Muitas pesquisas apontam que a escola possui mecanismos sutis que constroem e mantêm as diferenças entre os sexos* (FINCO, 2003, p.89). Assumindo a perspectiva cultural para falar de gênero e suas constituições na educação física escolar.

Continuando este percurso, comecei a descoberta mais minuciosa do paradigma indiciário, revelando a importância de se observar os pequenos gestos que vão ficando cada vez mais evidentes: (...) *os nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós* (GINZBURG, 1989, p.146).

Meninos e meninas apresentam determinados comportamentos ou expressões pois foram instruídos a agir de tal maneira. No caso da disciplina de educação física, podemos observar alguns exemplos como: "não tenho ritmo", "não sei dançar", "isso é coisa de menino/menina", "eu não sei jogar e não gosto de futebol", "os meninos são muito agressivos", são afirmações que ouvimos na escola e fora dela também, as quais provocam bloqueios pessoais para a realização de determinada atividade. No

caso das atividades rítmicas e/ ou da dança, objeto principal de observação nesse trabalho, observamos a não participação dos meninos com mais frequência, não sendo descartada também no caso de algumas meninas.

Considerando a intenção de realizar a pesquisa durante as aulas de educação física, enfrentei o desafio de refletir sobre minha própria prática pedagógica, tomando como referência as idéias de Zeickner (2000) sobre o professor reflexivo, como sendo aquele que sai do papel de técnico e entra no de reflexivo; aquele que busca refletir sobre sua própria prática, interferindo naquilo que acontece.

Seguindo essa linha de pensamento, Zeichner propõe a pesquisa dentro de quatro fases: planejar, agir, observar e refletir. Sendo que: *(...) saber por que ensina, para que ensina, para quem e como ensina, ou seja, os professores e professoras precisam refletir sobre os objetivos e as conseqüências do seu ensino desde a formação* (GERALDI, MESSIAS, GUERRA, 1998, p. 264).

É por caminhos similares que esta pesquisa caminhou. Tendo como principais objetivos: refletir sobre as inter-relações entre os alunos e as alunas nas aulas de educação física, buscando indícios através de seus comportamentos e atitudes; observar e analisar na minha própria atuação as questões pertinentes aos temas escolhidos: atividades rítmicas e gênero no contexto da educação física escolar.

Tenho a certeza que este trabalho não será suficiente e não pretende ser uma receita para outros profissionais "aplicarem" em suas diversas realidades. Mas pretende compartilhar possíveis reflexões e construções. *Acho que os professores devem ser sacudidos, de modo a reexaminar o que eles aprenderam* (ZEICHNER, 2000, p.7). Eu fui "sacudida" e pretendo narrar os encontros e desencontros do processo vivido.

"A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores"

(Benjamin, 1985, p.198).

ENCONTROS E DESENCONTROS NO PROCESSO VIVIDO...

No início do ano de 2004, no momento do planejamento das aulas de educação física reservei um espaço para a realização da pesquisa. Nesse momento são realizadas reuniões entre os professores da escola, para discussão sobre os projetos e atividades extra-classe que poderão acontecer durante o ano. Depois cada docente fica encarregado do seu planejamento específico. No caso da educação física decidi que durante aproximadamente dois meses iríamos vivenciar as atividades rítmicas culminando com a elaboração de uma coreografia para a festa junina, para cada turma.

As turmas são pequenas na escola e nas aulas de educação física existe a junção de algumas delas, com o objetivo de proporcionar aulas mais motivadoras, com um número maior de alunos. Por esse motivo as aulas serão descritas de acordo com as turmas que participaram juntas. Estão assim divididas: turma de 1ª. e 2ª. série, turma de 3ª. e 4ª. série, turma de 5ª. e 6ª. série, turma de 7ª. e turma de 8ª. série.

As aulas de educação física para as turmas de 1ª. a 4ª. série acontecem uma vez por semana com duração de 45 minutos e para as turmas de 5ª. a 8ª. série têm duração de 90 minutos (duas aulas juntas), também uma vez por semana.

O planejamento foi elaborado levando em consideração as idéias de um Coletivo de Autores (1992), que traz para a educação física uma proposta de trabalho atrelada aos conhecimentos da cultura corporal, que são: jogo, esporte, luta, dança e ginástica.⁵

Essa idéia vem para ampliar o conceito erroneamente utilizado por alguns profissionais da área de que somente os esportes devem ser trabalhados nas aulas de educação física na escola. Apesar de usarem o termo dança, acredito que possa ser uma justificativa para tal conhecimento dentro das aulas na escola.

Apresento o planejamento completo da área da educação física com o objetivo de mapear como as aulas aconteceram dentro dessa realidade escolar e como o projeto foi desenvolvido.

SÉRIE: 1ª e 2ª série		CURSO: Ensino Fundamental
TRIMESTRE	CONTEÚDO TEMÁTICO	PROJETOS
1º	• Percepção e Consciência Corporal	
2º	• Atividades Rítmicas	• Festa Junina
3º	• Brincadeiras Tradicionais • Jogos de Regras Simples	• Atividades do folclore brasileiro

⁵ Coletivo de Autores (1992, p.61): *A Educação Física é uma disciplina que trata pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem.*

SÉRIE: 3 ^a e 4 ^a série	CURSO: Ensino Fundamental
--	---------------------------

TRIMESTRE	CONTEÚDO TEMÁTICO	PROJETOS
1 ^o	• Percepção e Consciência Corporal	• Festival de Atletismo
2 ^o	• Atividades Rítmicas	• Festa Junina
3 ^o	• Jogos	

SÉRIE: 5 ^a e 6 ^a série	CURSO: Ensino Fundamental
--	---------------------------

TRIMESTRE	CONTEÚDO TEMÁTICO	PROJETOS
1 ^o	• Jogos	
2 ^o	• Atividades Rítmicas • Ginástica Geral	• Festa Junina
3 ^o	• Ginástica Geral • Jogos pré-desportivos	• Festival de Ginástica Geral

SÉRIE: 7 ^a e 8 ^a série	CURSO: Ensino Fundamental
--	---------------------------

TRIMESTRE	CONTEÚDO TEMÁTICO	PROJETOS
1 ^o	• Handebol • Voleibol	
2 ^o	• Atividades Rítmicas • Basquetebol	• Festa Junina
3 ^o	• Basquetebol • Futebol	

Para elaborar o plano de aula das atividades rítmicas, baseei-me no texto "Brincando com o ritmo na Educação Física" (AYOUB, 2000), dando início ao processo de construção das aulas relacionadas às apresentações na festa junina. Tinha a idéia de que as apresentações na festa junina não podiam ser atividades isoladas do processo de ensino-aprendizado da educação física, mas sim um processo em que os alunos pudessem ter mais contato com o tema e participar de forma efetiva das atividades. E não levar tudo pronto como fiz no primeiro ano de atuação.

De acordo com Ayoub (2000), o ritmo pode ser trabalhado na educação física, tentando desenvolver o caráter rítmico do gesto e/ou a musicalidade da expressão corporal. Na busca de um ritmo do grupo, interno e externo. *Somente através da incorporação do ritmo externo é que se torna possível expressá-lo corporalmente, traduzi-lo de maneira afinada, sincronizado com a gestualidade.* (AYOUB, 2000, p.55) Dentro ainda desse ambiente escolar essa mesma autora ressalta a necessidade do professor de apresentar diversas músicas, proporcionando diferentes linguagens musicais e corporais. Talvez isso fosse possível naquela realidade escolar, em que vivia, apresentar novos modos de atividades que pudesse ser mais desafiador aos alunos, não somente aos meninos mas também às meninas, que poderiam contribuir com experiências anteriores e extra-escolares.

Talvez a mudança de nomenclatura de dança para atividades rítmicas pudesse ser um ponto favorável, na tentativa de trabalhar com música e movimento.

Tendo mais esse respaldo teórico, surgiu então, o projeto de atividades rítmicas nas aulas de educação física na escola em que atuava. Como os alunos já tinham tido contato com a ginástica geral, antes existente no planejamento, resolvi dentro dessas atividades rítmicas voltar algumas atividades relacionadas ao universo da ginástica, além da dança.

No momento de escolher as atividades rítmicas, optei pelo trabalho com cordas, com cantigas de rodas e com a utilização de um instrumento de percussão, no caso o atabaque, que já existia na escola. Já que apresentam possibilidades de trabalho rítmico e não haviam sido trabalhadas com as turmas sendo novidade aos discentes.

Inicialmente selecionei as seguintes atividades que serviriam como ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa:

- Cordas individuais (temos disponíveis uma corda para cada aluno): saltos com os dois pés, com pés alternados, em duplas, em deslocamento.
- Corda grande (dispomos de 3 cordas elásticas de 6m): saltos com os dois pés, passagens livres por baixo da corda (sem pular), saltos em grupos, saltos com a corda individual ao mesmo tempo, realizando acrobacias com a corda em movimento (rolamentos e estrela).

O trabalho com as cordas remete a uma relação do corpo no tempo, no espaço e ainda é um material que pode se mostrar muito desafiador.

- Cantiga de roda: utilização de algumas músicas infantis sugeridas pela professora e pelos alunos para realizar movimentos com materiais. Como por exemplo: escravo-de-jó, ciranda cirandinha etc.
- Percussão: exploração de ritmos e batucadas num atabaque, material disponível na escola. Utilização de bastões de madeira, tendo um para cada aluno.
- Para o tema das apresentações coreográficas escolhi algumas danças típicas brasileiras, como: quadrilha, festa do boi, cavallhada, festa do frevo e danças gaúchas.

Depois de definidas as atividades encaminhadoras da pesquisa, conclui que seria adequado conversar com os professores e ouvir suas opiniões sobre o tema das coreografias para a festa junina. Como já foi dito, sugeri também que ao final do

trabalho elaborássemos composições acerca de algumas danças regionais brasileiras que seriam apresentadas na festa junina. Prontamente todos concordaram e se colocaram à disposição para ajudar com os figurinos e se necessário com os espaços das aulas de outras disciplinas. Essas parcerias tornam-se positivas na medida em que o tempo das aulas de educação física nem sempre é suficiente para a realização dos projetos. E provavelmente precisaria da ajuda das professoras para ensaios extra com os alunos, já que eles se encontram todos os dias, e as aulas de educação física ocorrem apenas uma vez na semana.

Foi definido também que para cada turma seria solicitado que trouxessem algum material sobre as danças regionais do nosso país. Após fazer uma coletânea com o material, fizemos a seleção das danças, divididas entre as séries. Partiríamos, então, para a escolha das músicas, formações e figurino.

Conseguimos fazer isso com facilidade, juntamente com as professoras e utilizando o material trazido por um aluno, editamos um texto explicativo sobre cada dança para ser lido no dia da festa, sendo elas: quadrilha, festa do boi, cavallhada, festa do frevo e danças gaúchas.⁶

Quanto ao processo de composição das apresentações, a metodologia foi praticamente a mesma em todas as turmas. Após escolhermos as músicas, os alunos tiveram a oportunidade de sugerir movimentos e formações, construindo junto as coreografias. Nas séries iniciais (1ª. e 2ª. séries), a dificuldade maior mostrou-se no momento de sugerir os movimentos, uma vez que não possuem ainda uma vivência de elaboração de coreografia precisando um pouco mais da minha interferência. Nessas turmas têm muitos alunos novos, já que não temos turmas grandes na educação infantil, e como não tenho conhecimento do trabalho feito com eles nas escolas de onde vieram, acabo planejando as aulas de uma maneira mais inicial, começando pelo

conhecimento relacionado à expressão corporal. Os alunos das séries seguintes (4^a. em diante) precisaram ser mais auxiliados no momento de organizar as idéias que foram aparecendo. A mediação do professor é extremamente importante para encontrar formas de ajudar os alunos a participar, sem permitir que façam descompromissadamente ou impor o que deve ser feito.

Optei em não falar a palavra dança logo no início da proposta, como forma de estratégia na tentativa de obter maior participação dos alunos, pois muitas vezes dança torna-se erroneamente sinônimo de balé clássico. Substituí, então, por apresentação, coreografia ou mesmo atividade.

Com o auxílio da professora de artes, alguns alunos e alunas reproduziram fotos, das aulas, em forma de desenho, já que estavam desenvolvendo esse conteúdo na mesma época.⁷ Nem todos quiseram participar dessa atividade, mas os que fizeram o desenho demonstraram muita satisfação em realizar a tarefa. Foi uma estratégia utilizada para envolver mais os alunos no projeto e também a outra disciplina. Além de reproduzir as fotos, os alunos se viram nelas, ressaltando ainda mais a participação deles durante todo o processo.

Fazendo parte do processo teve também um dia reservado para assistirmos ao filme "Billy Elliot"⁸ e alguns vídeos sobre ginástica geral relacionados ao tema do trabalho, com o objetivo de discutir de uma forma mais explícita os preconceitos que norteiam os trabalhos corporais, bem como apresentar idéias de movimentos aos alunos.

⁶ O texto explicativo encontra-se em anexo no final do trabalho.

⁷ Os desenhos feitos pelos alunos e pelas alunas aparecerão ao longo do texto.

⁸ Billy Elliot é um filme de Stephen Daldry, produzido pela TIGER ASPECT PICTURES. O tema é a comovente história de um rapaz de família de classe média que descobre uma paixão que irá mudar para sempre a sua vida. Billy Elliot, 11 anos, filho de um mineiro, está indo para aula de Box quando passa por uma aula de balé. Em segredo, Billy começa a frequentar essas aulas, sabendo que sua família operária nunca entenderia. Sob a orientação de sua professora, a Sra. Wilkinson, o talento em estado bruto de Billy desabrocha. Mas quando o pai descobre a ambição do filho, Billy precisa lutar por seus sonhos e destino. (BILLY ELLIOT/VÍDEO/2000).

Além de fazer um registro sobre tudo que havia sido planejado também foi feito um registro das aulas. *Registrar a própria prática pode ser um rico instrumento de trabalho para o professor que busca reconstruir os conhecimentos junto com os alunos, porque o retrato do vivido proporciona condições especiais para o ato de refletir* (WARSCHAUER, 1993, p.61).

O registro possibilita refletir sobre as aulas e buscar caminhos para compreender e enfrentar os problemas. Foi construído um diário de campo, cujos registros apresento em parte para ajudar o leitor a acompanhar as reflexões e conhecer as atividades que foram elaboradas ao longo do processo.

Diferente de registrar, planejar é imaginar, é fazer com o outro. Não temos a certeza de como será a participação da turma, o envolvimento, só sabemos no momento da aula. Não é somente o professor que dita o que vai ser feito, os alunos também participam e fazem a aula acontecer. E um dos objetivos, como professora, é deixar que os imprevistos aconteçam, permitir que novas possibilidades venham a tomar conta da atividade. Não é um trabalho fácil, pois quando planejamos algo que não dá certo, surgem momentos de dúvidas e de desânimo. Mas esse é também um desafio para o professor. Como afirma Roseli Fontana (1996, p.38):

(...) em qualquer trabalho educativo, aprender a esperar o movimento do outro, o seu tempo de elaboração, e a respeitar as elaborações desse outro... Resistir à tentação de impor o caminho que pareça melhor, não só aos nossos próprios objetivos, mas também para o(s) outro(s). E, nesse jogo, a busca de equilíbrio entre evitar a imposição de autoritarismo, sem resvalar para uma postura de falsa neutralidade diante das contradições observadas.

Mas dar oportunidade aos alunos não tira a responsabilidade do professor de assumir o seu papel de mediador, na sala de aula, (...) *o de um adulto com um objetivo explícito* (FONTANA, 1996, p.72), de permitir que os alunos participem ativamente

mas sem perder os objetivos traçados no início das atividades, mesmo que precisem ser transformados no decorrer do percurso. Nessa mesma perspectiva, adultos e crianças apresentam-se como parceiros intelectuais desiguais, nos campos psicológico e social, e é por esse motivo que se tornam parceiros, na relação contraditória do conhecimento. Os dois grupos têm a aprender e a ensinar (FONTANA, 1996).

No momento de iniciar de fato o trabalho com os alunos, sentia uma mistura de ansiedade e repulsa, medo do que iria enfrentar. Talvez seja por isso que deixamos de trabalhar com os conhecimentos, relacionados à ginástica e à dança, é mais fácil esconder o problema do que enfrentá-lo.

Comecei a pensar novamente nos conhecimentos que já tinha separado anteriormente mas agora tentava organizá-los de acordo com cada turma (1ª. a 4ª. série e 5ª. a 8ª. série).

Nesse momento, minhas experiências anteriores com os alunos levaram-me a temer, mais uma vez, a realização das propostas de atividades rítmicas, que trouxe à tona medos e preconceitos em relação principalmente aos meninos. Cada atividade que eu imaginava logo pensava que os alunos poderiam não aceitar. Surgia também não somente dúvidas do que ensinar mas também como poderia fazê-lo. (...) *é preciso questionar sempre não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos/as alunos/as dão ao que aprende.* (LOURO, 1997, p.137)

Além das barreiras que os alunos têm de enfrentar, existem as rupturas que os próprios professores precisam fazer, pois antes mesmo do trabalho começar já estabelecemos barreiras que possivelmente existirão, prevendo a não aceitação inicial. E isso não foi diferente comigo.

No início da pesquisa de campo, estávamos no mês de abril de 2004, deleitando-nos com os ventos que invadem o outono brasileiro. O pátio estava mais

ensolarado, sem a sombra proporcionada pelas folhas de nossa árvore que produz siriguela e do lindo ipê amarelo.

As turmas de 1^ª a 4^ª já tinham passado pelos momentos de euforia do início do ano, como as novidades relacionadas à professora, livro, sala, amigos etc.

Já os alunos e alunas de 5^ª a 8^ª série preparavam-se para enfrentar as provas trimestrais. Nessa época, as aulas de educação física servem como válvula de escape para dias de tensão e ansiedade, embora defendamos que esse não deve ser o papel da educação física na escola. Talvez, não somente nessa época, a sala de aula, com paredes e carteiras, impede os corpos de moverem-se além dos limites estabelecidos pela mesa, cadeira e quadro-negro. Nas aulas de educação física que esses corpos em constante movimento encontram refúgio (FRAGA, 2000), pelo menos no que diz respeito à movimentação corporal. Pois isso não significa que a aula de educação física esteja isenta de todo esse processo de disciplinarização do corpo que ocorre na escola. Muito pelo contrário, ela exerce um papel importante nesse sentido. Dentro das paredes os alunos são classificados quanto à disciplina e desempenho. Aqueles que são mais dispersos são colocados próximo à mesa do professor e os que não necessitam do olhar do professor voltado constantemente para eles, ficam mais longe. Talvez seja uma forma de controlar esses corpos, impedir que os olhares se dispersem da figura do professor, que naquele momento deve ter exclusividade. Esses corpos não têm escolha, mas sim são escolhidos para ocuparem lugares dentro desse determinado espaço. Louro (1999, p. 21) salienta que:

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos educativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala.

Nesses lugares, as carteiras, tornam-se linhas imaginárias que separam de acordo com o desempenho nas atividades, os "melhores" e os "piores". Nas aulas de educação física isso pode ocorrer também. Dependendo de como o esporte é trabalho nas aulas, os mais habilidosos são mais valorizados que os outros. Fica mais forte ainda já que os alunos se expõem muito mais, durante uma atividade todos estão ali olhando uns para os outros. Deve existir uma compreensão do professor em relação a isso, já que a aula de educação física é um espaço para as vivências corporais e não para o treinamento esportivo.

Quanto às questões de gênero, podemos observar indícios nos acessórios e no vestuário. Os cadernos com bichinhos das meninas e com carros possantes na capa dos meninos. Os mais velhos preferem fotos de artistas e modelos com corpos perfeitos e bem bronzeados nas capas dos cadernos. Até mesmo quanto à organização, são diferentes, as meninas parecem se preocupar e ter mais cuidado com o material, a moda atual está sempre presente nas cores e no estilo das mochilas e dos estojos. Os meninos preferem cores escuras, podemos dizer mais discretas que os impeçam de chamar atenção. A caligrafia das meninas precisa ser bem legível e "redondinha", já a dos meninos pode ser "garrancho", pois não são delicados. É dessa forma que eles e elas vão aprendendo como devem se comportar diante das situações.

Nas roupas os estilos são mais variados. Os mais novos, obedecem mais as regras para o uniforme, provavelmente os pais ainda têm controle sobre isso. Mas os adolescentes já ousam mais, preferem a cor preta e a roupa rasgada. Os mais ousados acabam sofrendo discriminação inicial até que possam aderir definitivamente ao grupo. Mas não são só os colegas que falam, o corpo docente também se sente no direito de tecer comentários, nem sempre positivos. Nesse momento é que os desejos começam a ser reprimidos e os gestos tornam-se

padronizados, na tentativa de serem aceitos pela maioria que se julga normal, dentro do padrão preestabelecido.

Uma vez explicitada a estrutura geral do projeto, passo agora para a apresentação por turma das atividades, que foram desenvolvidas e as questões de gênero que surgiram a partir delas.

1ª e 2ª série

No primeiro dia, iniciei uma conversa sobre ritmo com as turmas de 1ª. e 2ª. Série, com a pergunta "o que é ritmo?" Optamos por observar os possíveis ritmos presentes no nosso próprio corpo. Sugeri que prestássemos atenção em nosso coração e na respiração. Os alunos participaram muito, ouvindo atenciosamente a pulsação. Juntos chegamos a conclusão que existem outros órgãos que possuem um ritmo como intestino e músculos.

Depois fizemos uma atividade de pega-pega para observarmos o que acontece com o nosso ritmo cardio-respiratório quando corremos. Reproduzimos em forma de passos os diferentes ritmos, em repouso e depois de um determinado gesto.

Como sugestão dos alunos fizemos uma seqüência de batidas com as mãos e com os pés imitando as batidas do coração: lento, médio e rápido, após a movimentação na quadra. Uma atividade que para mim poderia parecer desmotivante, trouxe oportunidade aos alunos de conhecimento corporal e me fez pensar em novas formas de ação dentro da educação física,.

Para encerrar fizemos a brincadeira do siga o mestre (um aluno se retirava e escolhíamos um mestre, quando o mesmo voltava todos estávamos em sincronia, produzindo sons com o corpo e ele deveria descobrir quem estava no comando).

Percebi que quando pedi para que sentassem em roda, os meninos sentaram de um lado e as meninas de outro, sem exceção. Cada um senta ao lado do colega com quem possui mais afinidade e como geralmente são do mesmo gênero, acabam ficando os meninos de um lado e as meninas de outro. Nessa idade observamos não somente nas aulas de educação física mas também nos momentos de recreio, meninas e meninos conversam e brincam separadamente, suas preferências são diferentes, tanto na escolha das brincadeiras quanto nos assuntos. As meninas gostam de conversas e brincadeiras que não precisem correr muito, já os meninos brincam com cartas, figurinhas, "Tazos" e atividades de pega-pega. Foi o que percebi nessa escola especificamente, mas acredito que isso deva ocorrer em outras instituições também.

Voltando à atividade do siga o mestre, eles se limitam muito em relação às batidas com partes do corpo, prevalecem as palmas e as batidas com os pés no chão. Interferi nos movimentos, sugerindo novas idéias, possibilidades diferentes de sons e movimentos, como: estalar os dedos, sons com a boca, batidas com os cotovelos etc. A partir daí, começaram a fazer movimentos diferentes, não a imitar o que eu tinha feito, mas criar novos. Não foi um exercício de cópia, somente fiz um modelo diferente e então perceberam que poderiam criar ou ousar também.

Iniciamos a segunda aula sentados novamente em roda e relembramos verbalmente a aula anterior, gosto de fazer isso em alguns momentos para saber se o assunto foi interessante e ficou marcado, é um indício que mostra se realmente participaram. Os alunos lembraram com facilidade os conhecimentos trabalhados. Novamente em círculo, eles continuaram se dividindo por meninos e meninas. Como sugestão podemos dizer que escolham um colega com o qual se conversa pouco para sentar ao lado. Acredito que se exigirmos que devam sentar intercalados meninos e

meninas estaremos fechando as possibilidades de escolha e determinando como deve ser feito.



Começamos a falar do ritmo da natureza, como por exemplo, dia e noite, sol e lua, chuva e vento. Bem como os momentos de som e silêncio que observamos também. Para cada exemplo fizemos um som característico e um gesto que pudesse representar o que estávamos descobrindo. Quando comecei a falar sobre os sons dos bichos, um aluno sugeriu que alguém imitasse tal bicho e depois os outros deveriam adivinhar (isso já estava no meu planejamento, mas apareceu antes que eu sugerisse). Um aluno, que até então participava pouco das aulas, manifestou-se várias vezes para imitar os bichos. Percebi o seu amplo conhecimento dos sons dos animais e a facilidade em reproduzi-los. Foi muito positivo chamando não só a minha atenção, mas também de todos os colegas. As meninas mostraram-se mais tímidas para imitar os animais, identificando-se mais com determinados bichos como gato e coelho. Já os meninos preferiram animais ferozes, como leão e onça. Essas imitações podem nos levar a distinções de gênero no sentido das marcas culturais da delicadeza e amorosidade para as meninas, e da virilidade e velocidade para os meninos, representadas pelas referências dos animais que eles representaram.

Na terceira aula houve um momento de exploração de gestos com as cordas individuais. Cada aluno recebeu uma corda para realizarem os movimentos que julgassem interessante e sentissem vontade de fazer. Ressalto que essa estratégia tem como objetivo proporcionar liberdade de manipular e brincar com o material. Esse momento de descontração é a oportunidade que o professor tem de observar como os alunos reagem a esses momentos de escolha e experimentação dos aparelhos. De acordo com minha experiência anterior como professora, esses momentos são aproveitados com mais entusiasmo pelas crianças menores, já os adolescentes também participam, mas eles preferem o modelo daquilo que eles podem usar como ponto de partida, e não simplesmente a exploração do material. É claro que isso não ocorre com todos os alunos e com todas as turmas, mas na maioria

delas podemos observar dessa forma. A maioria das meninas realiza os movimentos de pular, já os meninos o fazem de maneira mais tímida, sempre olhando do lado para ver se não tem ninguém olhando, e outros arriscam novos movimentos, como por exemplo imitando a laçada do peão no cavalo. Não é um material muito familiar aos meninos.

Depois do término desse momento, começaram a perder o interesse, pois pedi para que somente realizassem atividades de pular, e perceberam que não sabiam pular como gostariam, não só meninos mas meninas também. No que se refere à motivação, os meninos que não conseguiam pular corda desistiam mais facilmente da atividade do que as meninas, que continuaram tentando por mais tempo. Tive a impressão de que além da atividade ter uma característica cultural feminina, alguns meninos tinham uma cobrança interna ou imposta para a obrigação do sucesso. Demonstraram isso ao jogar a corda no chão e sentar sem dar continuidade à atividade. Pareciam frustrados, descontentes. Os jogos e os esportes estão presentes no cotidiano das crianças, seja nas aulas de educação física, nos momentos de lazer ou até mesmo na mídia. A maioria dos meninos é mais incentivada a "jogar bola", como é dito popularmente, obtendo sucesso na maioria das vezes. Quando a atividade muda, eles querem ter o mesmo sucesso, só que de imediato, sem o tempo da familiarização. Mas refletindo sobre isso posteriormente, julgo que poderia ter sugerido uma brincadeira que indiretamente possibilitasse o ato de pular a corda, através de um outro contexto os meninos se sentiriam mais motivados e desafiados a participar.

Dei como exemplo os meninos, mas observamos isso nas meninas também, quando gostam de jogar futebol e não fazer balé. Sofrem o mesmo tipo de preconceito. É essa constituição social do gênero que vai sendo construída e calcada na sociedade, provocando o desejo e objetivo desta pesquisa em refletir sobre as

relações de gênero. Esses modelos levam as pessoas a aceitarem e reproduzirem padrões culturais específicos e preconceituosos, e é constituído desses estereótipos que podemos pesá-los e modificá-los. Sobre esse assunto LUZ JUNIOR (2003, p.14) ressalta: *Bem sabemos que nos fazemos masculinos e femininos na cultura onde vivemos e que cada um destes termos engloba múltiplas possibilidades de ser masculino e feminino.*

A área de Educação Física vem se apropriando das discussões de gênero, estabelecendo interlocuções nas diversas frentes de atuação, não somente no ambiente escolar, mas também em academias, empresas etc. A idéia de que à Educação Física pertence somente e/ou principalmente os esportes, aproxima os meninos e afasta as meninas, já que aos meninos cabe desenvolver a força, o rendimento e a destreza e às meninas cabe somente a delicadeza que na maioria dos esportes ajuda minimamente. *A história da civilização ocidental e do esporte ocidental é a história da dominação masculina* (SARAIVA, 1999, p.69).

E a partir do momento que oferecemos nas aulas de educação física escolar somente os esportes, com o objetivo de rendimento, reforçamos a idéia de superioridade daqueles que tem mais facilidade com essas práticas e impedimos que os alunos tenham acesso a outros conhecimentos da Educação Física.

As características biológicas ainda são fortemente utilizadas para embasar os discursos que permeiam as discussões de gênero, bem como a justificativa para as diferenças comportamentais e desigualdades sociais entre homens e mulheres. A ciência cada vez mais tenta entrelaçar dados que possam comprovar a existência e até a necessidade de se obter um ser dominante e o outro dominado. É nessa relação de poder que os gêneros são produzidos (LOURO, 1997).

Mas essa característica esportivizada da educação física escolar vem sendo questionada há décadas e com a publicação do livro "Metodologia do Ensino da

Educação Física", de um Coletivo de Autores (1992), conforme foi mencionado anteriormente, são sugeridos os seguintes temas da cultura corporal: jogo, esporte, capoeira, ginástica e dança, sendo enfatizado o processo histórico e o valor educativo de cada um deles. E ainda: (...) *não há uma ordem rígida para organizar o programa, colocando primeiro o jogo, segundo a dança etc. O professor pode dar a ordem necessária aos interesses da turma ou também tratar deles simultaneamente* (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.64).

Voltando à aula, os meninos demonstraram descontentamento também dizendo que não queriam mais pular corda, afirmando o seguinte: "isso é chato" ou mesmo, "vamos jogar futebol". Houve indícios de que eles lidaram com o insucesso de uma forma desmotivadora e não desafiadora, pelo menos foi o que percebi com essas turmas. Insisti mais um pouco para que continuassem participando da aula, até o seu término. Percebi um certo descontentamento, mas como mediadora insisti para que continuassem mais um pouco. Precisamos saber o que os alunos necessitam aprender e não somente quais atividades querem realizar nas aulas. Do contrário, as aulas se tornam momentos de recreação, que eles podem realizar em casa sem a orientação do professor.

Na aula seguinte, iniciei entregando uma bexiga para cada aluno e propositadamente entreguei algumas bexigas cor de rosa para os meninos. Eles se recusaram a pegar até que trocassem a cor. Algumas meninas também pegaram da cor azul, mas isso não foi um problema para elas, talvez preferissem a cor de rosa mas não foi motivo de ofensa a elas como foi para os meninos.

Essa classificação ocorre desde o momento que os pais descobrem o sexo do bebê, e começam a escolher as cores que farão parte do quarto e do enxoval. Poucos se arriscam a ousar, optam pelo tradicional, rosa para as meninas e azul para os meninos. Ou mesmo escolhem cores ditas "neutras", como o verde e o amarelo.

Desde então já se estabelecem as diferenças e as limitações. Não conseguimos imaginar um menino usando um macacão cor-de-rosa. O bebê nasce num mundo cultural que vai constituindo o seu jeito de ser homem, de ser mulher e essas marcas culturais vão ficando cada vez mais presentes e tornando-se verdades.

Naquele momento, julguei inadequado uma conversa sobre o assunto, já que a turma estava um pouco ansiosa pela atividade. A bexiga é um material que encanta, principalmente as crianças, causando um contentamento em brincar. Mas trazer essas questões para a aula de educação física pode provocar transformações significativas. Para LOURO (1997, p.159):

Não há porque temer debates ou tensões teóricas; eles podem significar novas e produtivas alianças; podem resultar em outros modos de análise e de intervenção social, talvez capazes de alterar, de forma mais efetiva as complexas relações sociais de poder.

Muitas vezes na escola optamos pelo silêncio mas na verdade deveríamos rompê-lo, já que (...) *a escola não está neutra: ela participa sutilmente da construção da identidade de gênero e de forma desigual* (FINCO, 2003, p.99). Essa desigualdade também traz preocupações pois sempre acaba privilegiando um dos lados (masculino ou feminino). Eu não disse muita coisa naquele momento em que os alunos pediram para trocar de cor, mas os próprios colegas disseram que não teria problema se ficassem com a bexiga cor de rosa. Mas mesmo assim não foram convencidos e foi preciso trocar de cor para que participassem da atividade.

Descobri um atabaque, instrumento de percussão, escondido numa sala escura que existe na escola. A direção da escola não permitia que os alunos tivessem acesso por medo do material ser danificado, tornando-o inutilizado. Trouxe-o para a sala de educação física, já que poderia ser útil para as nossas atividades.

Fui fazendo batidas no atabaque e eles perceberam que a bexiga vibrava, causando risos nos alunos, era algo que nunca tinham feito, estavam mais acostumados a jogar a bexiga para cima.

No momento seguinte, ao som do atabaque, teriam de tocar as bexigas com diferentes partes do corpo e seguir o ritmo proposto. Primeiro fizeram isso livremente, depois fui dando sugestões das partes do corpo que deveriam tocar a bexiga. Como por exemplo: cotovelo, nariz, glúteo, quadril, movimentos diferentes dos quais estavam acostumados. Meninos e meninas participaram com muito entusiasmo da atividade. A bexiga está presente nas festas de aniversário da maioria das crianças, sendo um material com o qual elas têm bastante familiaridade, todos conseguem realizar as brincadeiras com facilidade.

Ao me debruçar sobre a análise desse momento na aula, pude perceber que essa atividade com as bexigas resultou ganhos valiosos. Os meninos não quiseram a bexiga cor de rosa, mas durante a brincadeira isso passou para segundo plano. Na esfera da ludicidade os padrões se modificaram, eles dançaram e trocaram as bexigas sem a preocupação com a cor, realizando movimentos leves, delicados, sinuosos, que não são frequentes na movimentação dos meninos. A própria dinâmica da atividade, muito mais do que qualquer discurso explicativo sobre as cores, foi decisiva para uma possível quebra de padrões de gênero.

Para encerrar fizemos uma roda e tentamos realizar a cantiga "*escravos de jó*" movimentando as bexigas. Do mesmo modo alguns meninos quando tinham de pegar uma bexiga rosa se recusavam a continuar a atividade, nesse momento interferi dizendo que ao pegar a bexiga rosa nada mudaria, a opção pela cor da bexiga não os faria deixar de pertencer ao gênero masculino, e ao mesmo tempo "tudo mudaria", eles passariam a ver essas questões de outra maneira. Alguns meninos pegaram e mostraram aos colegas que nenhuma mudança física acontecia,

para então conseguirmos realizar a atividade. Somente quando os colegas assumiram junto comigo o discurso é que obtivemos êxito.

Na semana seguinte, era a vez dos bastões. Os alunos dispuseram-se em duplas e pegaram um bastão para cada grupo. Esse momento normalmente gera muita tensão, pois quando permitimos que formem as duplas, existem os alunos que não são escolhidos e se sentem excluídos e quando o professor forma as duplas para que não haja discriminação, alguns alunos insatisfeitos causam intrigas.

Mas não são somente os alunos que apresentam tais comportamentos. Os professores também são providos de preconceitos. Sem nos darmos conta utilizamos em nossas aulas mecanismos discriminatórios, que influenciam a todos, na maioria das vezes sem nos apercebermos disso.

Como homens e mulheres fazemos parte dessa rede de poder, e como participantes dessa tensão, podemos ter consciência das relações que as norteiam; *(...), podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções (...)* Processos profundamente culturais e plurais (LOURO, 1999, p.11).

Na escola é possível criarmos soluções com os próprios alunos, conversar sobre discriminação, discutir sobre diferentes exemplos de preconceitos e então auxiliá-los na busca por alternativas mais humanas.

Foi isso que fizemos. Quando interferi dizendo que todos são iguais e que para a atividade não faria diferença em qual dupla iriam estar, deveriam conversar e trabalhar com todos os colegas da classe. Depois disso conseguimos com facilidade integrar os alunos que tinham ficado de fora.

Ao som do atabaque eles tinham de jogar o bastão na posição vertical um para o outro, e o ritmo ia aumentando induzindo a velocidade dos bastões.

Nessa aula tínhamos platéia, a professora polivalente da turma⁹, acompanhada da psicóloga de um dos alunos e da diretora da escola. Era impossível não perceber a face de espanto frente a uma atividade tão “perigosa”¹⁰, em especial com alguns alunos, por suas características agressivas presentes em aulas anteriores e também dentro do espaço da sala de aula. Eles poderiam jogar o bastão um no outro a qualquer momento. Julgo que limitar determinadas atividades por comportamentos anteriores de alguns alunos, pode ser uma forma de discriminação, já que estamos impedindo os alunos de vivenciarem novas propostas.

Para minha tranquilidade, elas não se manifestaram em nenhum momento, somente contra a indisciplina de alguns alunos que estavam interferindo na aula. Isso pode ser ruim pois pode parecer que eu não estava prestando atenção na turma. Mas na verdade o que acontece é que na aula de educação física existem momentos, em que, para quem está observando pode parecer indisciplina, mas para nós professores da área, não incomoda pois estamos acostumados com barulho e com o entusiasmo dos alunos, que gritam e dão risadas, atitudes que muitas vezes não podem ter dentro da sala de aula. Somente ao longe escutei a diretora citar *“essa professora é louca de trabalhar com os bastões nessa turma”*. Depois deixei que produzissem sons no atabaque, um de cada vez. Somente um aluno ousou bater com a cabeça e com os cotovelos. Abro um enorme parêntese, pois essa aula foi uma das poucas que esse aluno¹¹ participou. Estávamos enfrentando problemas sérios com ele, já que apresentava durante todo o período que ficava na escola, momentos de rebeldia e agressividade, chegando até a agredir fisicamente e verbalmente a professora polivalente. Nas aulas de educação física, irritava-se rapidamente e saía

⁹ Professora polivalente é responsável por acompanhar e ministrar aos alunos as disciplinas de português, matemática, geografia, história, ciências, informática e arte, permitindo que os alunos tenham o conhecimento necessário para continuar nas séries seguintes. Nas áreas de música e educação física os alunos têm aula com os professores especialistas. Sendo assim, as professoras polivalentes não têm a obrigação de acompanhar as aulas com tais professores, somente quando julgarem necessário e adequado.

¹⁰ Usei esse termo pois o bastão é comumente usado como material de agressão física, os alunos poderiam fazê-lo nesse momento.

correndo pelo pátio dizendo que não queria participar. Para mim ficava difícil ir atrás dele e deixar o restante da turma sem aula. Eram situações novas, com as quais todos da escola estavam aprendendo a lidar. No caso da aula e da atividade que citei anteriormente, no momento em que dei a oportunidade para que ele tocasse no atabaque, ele assim fez e com muita ousadia, já que ousar era uma característica muito forte em seu comportamento, só que muitas vezes ficava presente em atos ousados de agressividade e desobediência. Percebi que tal aluno possuía certa expressividade que deveria ser valorizada e que o diferenciava dos outros. A partir desse momento ele passou a participar mais e, como professora, também comecei a vê-lo de outras maneiras. Passei a dar oportunidades que antes achava que não seriam possíveis.

Depois tínhamos de elaborar uma sequência de sons com os bastões sendo batidos no chão. A maioria dos meninos é mais audaciosa e não têm vergonha de criar, algumas meninas apresentam certo receio em se expor. Talvez tenha observado isso nesse momento pois se tratava de uma atividade com música, mais especificamente com um instrumento de percussão, que produz sons fortes, os quais, culturalmente, podem ser considerados como parte do universo masculino. Isso fica mais claro quando observamos que realmente é muito difícil encontrarmos mulheres que tocam instrumentos de percussão. Talvez seja por isso que as meninas não se propuseram a experimentar, com outro instrumento poderia ter sido diferente.

Na aula seguinte, começamos a relembrar cantigas infantis, os alunos citaram várias músicas que traziam em seu repertório cultural. Dentre elas, escolhemos a cantiga de roda "ciranda-cirandinha" conhecida por todos. Fizemos movimentos corporais diferentes dos tradicionais juntamente com a letra da música. Depois

¹¹ Esse aluno é o mesmo que participou em aula anterior imitando os bichos.

começamos a colocar movimentos de mímica para cantarmos sem a letra. Alguns meninos e meninas (2ª. série) disseram que essa atividade era coisa de bebê, então com um "pó mágico" decidimos transformar todos em bebês para participarem da brincadeira. A partir do momento que assumem personagens, vale tudo, pois não são eles, mas sim aquelas figuras dos contos de fada ou dos livros infantis. Essa linguagem da fantasia está muito presente no cotidiano deles, pois as professoras contam histórias infantis todos os dias.

A professora polivalente da 2ª. série estava acompanhando a aula, como espectadora, e sugeriu que aprendêssemos uma cantiga do sul de Minas Gerais. Prontamente começamos a aprender. A cantiga retrata algumas características da vida do interior: *Andava no poço caroço... entrou um espinho no pé* (todos mostram o pé)... *ai, ai, ai* (roda num pé só)... *cheirinho de mato, que delícia, cheirinho de mato, que delícia*, (levam as mãos ao chão e depois ao nariz)... *me faz cair de quatro* (todos caem no chão em quatro apoios). As crianças gostaram da música e da participação da professora. Indício de que as parcerias entre os professores e/ou professoras na escola podem dar certo. Foi uma participação rápida mais muito significativa para mim e para os alunos, talvez deixando claro que não é só a professora de educação física que pode trabalhar com atividades corporais, mas a professora polivalente também tem muito a contribuir.

Começamos então novamente com cantiga infantil "escravo de jó". Mas agora utilizando pequenos bastões. Diferentemente da música, esse material produz sons, trazendo novas possibilidades para a atividade. No momento da distribuição de pequenos bastões para trocarmos com a música, um dos meninos não quis o bastão amarelo, pois é coisa de mulher (disse um pouco envergonhado), pegou o verde de uma menina. Algumas meninas queriam o amarelo. Um menino disse que a brincadeira era boba e muito fácil, tendo o acordo de mais dois colegas. Mesmo com alguns

insatisfeitos pela cor do bastão e com a atividade, começamos a cantar, mas não conseguimos realizar a atividade sem erros. Os alunos perceberam que aquilo que parecia "bobo" tornou-se difícil quando fizemos todos juntos. O insucesso da atividade poderia ter sido solucionado com a mudança dos gestos tradicionais da música por outros inventados pelo próprio grupo.

Pedi para que trouxessem no próximo encontro um guarda-chuva pequeno de casa, já que daríamos início à elaboração da coreografia para a festa junina.

Na aula seguinte começamos a trabalhar com o frevo. Atendendo ao meu pedido da aula anterior os alunos trouxeram os guarda-chuvas e pude notar algumas particularidades. Os das meninas são mais delicados, com babados geralmente em tons rosa e amarelo. Dos meninos tem temas de bichos ou cores escuras (liso). Quanto a essas diferenças pode ser sugerido que os alunos troquem de material uns com os outros, explicando que não importa a cor ou tipo do material.

Eles gostaram de usar o guarda-chuva como adereço, mas foi preciso conversar sobre o espaço dentro da quadra de cada um para que não ocorressem acidentes. As pontas do material por vários momentos batiam na cabeça dos colegas. A manipulação deste objeto causou um pouco de estranheza, já que não era habitual.

Durante os ensaios fomos construindo a movimentação dentro da música e os movimentos com o material. Mostrei alguns movimentos característicos do frevo e aqueles que já conheciam puderam compartilhar também. Alguns meninos demonstraram a pouca relevância que esse trabalho tem para eles, tumultuando um pouco a aula. Como por exemplo fazendo movimentos de luta entre os colegas. Nesse momento interrompemos a aula e mais uma vez falamos sobre a importância da participação de todos para que a apresentação fosse bem feita. A professora Karen Bond (1998), após fazer uma pesquisa numa escola de ensino fundamental em Melbourne (Austrália) com crianças de 5 a 8 anos, com o tema *"O uso de máscaras*

para afastar as inibições de gênero”, observou que os meninos são mais expansivos, quando gostam ou não da atividade, manifestam-se de forma significativa, com expressões faciais ou frases que expressam o que estão sentindo. Os meninos não gostam do termo dança, preferem “movimento” e/ou “teatro”. Essa constatação pode ser observada nas turmas anteriormente descritas. O termo dança submete os alunos e as alunas a um universo feminino, já que existe música, movimento e expressão. Mas observamos também no teatro, espetáculos que envolvem essas três categorias. Realmente as coisas são da maneira como as vemos ou como aprendemos a vê-las.

A maioria do grupo estava com dificuldade em decorar a seqüência dos movimentos, então a professora da 2ª série sugeriu que marcaríamos alguns ensaios extras. Os alunos, agora mais convencidos da importância de participarem da apresentação, também concordaram e durante essas aulas conseguiram aprender os gestos bem como o tempo da música.

Como os guarda-chuvas que eles trouxeram de casa eram diferentes não só no estilo mas também no tamanho, para a apresentação foi construído o adereço com tocos de madeira, arame, papel de seda e fitilhos. Foi confeccionado pelas professoras das turmas durante os nossos ensaios. Nesse momento, ocorreram dois tipos de reação: a professora da 1ª série não se mostrou solícita para fazer o material, fazendo-o por obrigação, já a da 2ª série mostrou-se solícita-se e confeccionou com capricho os adereços. As parcerias não são vistas por todos da mesma maneira, cabe a escola trabalhar isso em momentos de planejamento, mostrando a importância e os benefícios que isso pode trazer para o crescimento do corpo docente e da escola também.

Poderíamos ter envolvido os alunos na confecção dos materiais, mas naquele momento julgamos desnecessário por falta de tempo. Nos momentos das aulas de

educação física precisamos continuar com os ensaios. Infelizmente muitas vezes preferimos realizar uma tarefa do que ensiná-la aos alunos para que pudessem participar desse processo. Com mais organização podemos reservar momentos para que todos participem do processo de criação e construção dos materiais.

Desenvolver esse tipo de trabalho com os alunos nas séries iniciais pode ajudá-los a aceitar e a entender a importância desses processos. (...) *é necessário, embora não suficiente, começar cedo, e ensinar dança de uma forma agradável para os meninos e que não seja ameaçadora de sua masculinidade* (STINSON, 1998, p.68).



3ª e 4ª série

Com as turmas de 3ª. e 4ª. série nas aulas de educação física foi desenvolvido no início do ano um projeto de Atletismo, que teve sua finalização na terceira semana de abril de 2004. Por isso, o trabalho com as atividades rítmicas iniciou mais tarde.

Nas primeiras aulas, optei por começar desenvolvendo as atividades com corda grande, na tentativa de movimentar e motivar o grupo todo. Essa idéia surgiu por que eu já conhecia os alunos, suas preferências em relação às atividades e os preconceitos. Muitas vezes "mascaramos" as atividades na tentativa de conquistar o grupo, principalmente os meninos. Para Strazzacappa (2001) *A criança não é preconceituosa. O preconceito é aprendido por intermédio das atitudes dos adultos e talvez esse procedimento pode alterar o nome do curso, tentando maquiar seu verdadeiro fim, seja também uma forma de acentuar o preconceito* (p.50). No caso do presente projeto, o objetivo não era o ensino da dança mais sim das atividades rítmicas, relacionadas também à ginástica, não sendo necessário utilizar o termo dança. Outro ponto importante é que temos de tomar cuidado para não planejar as aulas somente em função dos meninos, já que deduzimos que eles nos trarão problemas. Ao tomar tal atitude discriminamos as meninas, ou mesmo alguns meninos que gostam e que podem fazer nas aulas. Propor movimentos fortes, músicas marcantes com instrumentos de percussão e modificar os nomes das atividades pode ser uma forma de dar preferência somente aquilo que os meninos aceitam fazer. *No entanto, mesmo achando que esse é o tipo de aula de que as meninas também precisam, ainda sinto que estou dirigindo o ensino mais para as preferências dos meninos do que das meninas* (STINSON, 1998, p.60). Iniciar assim também pode

ser uma maneira de conquistar, desde que haja uma reflexão sobre o que está sendo aprendido ou estudado. Pois nesse caso a maioria dos meninos é que precisa ser conquistada, mas isso não impede que tenham meninas que também não gostem do tema e precisem de uma atenção maior.

Durante a pesquisa de campo tentava a todo momento observar meninos e meninas, para que pudesse refletir sobre o trabalho não somente do grupo masculino, mas sim de todos sem discriminação. Temos a tendência de analisar somente os meninos já que achamos que apresentam maior resistência, mas será que é sempre assim?

A maioria das meninas mostrou muito interesse na atividade com corda, já alguns meninos apresentaram dificuldade, que acabou interferindo na motivação deles. É importante ressaltar que essa dificuldade não vem da incapacidade biológica do sexo masculino mas sim de uma restrição à vivência desta determinada atividade. Como acontece com as meninas nos jogos coletivos, mais especificamente no futebol, no momento em que pessoas da área ou não, julgam que elas não sabem jogar por falta de atributos corporais natos e não por falta de vivência e oportunidade.

Apesar do desinteresse, a partir desse dia, pude observar que os alunos começaram a solicitar a corda no horário do intervalo, tanto meninas quanto meninos. No momento da aula, não me deram indícios de que se sentiram desafiados pela atividade, pelo contrário demonstraram certo descontentamento. Mas foi momentâneo pois em outros horários na escola, requisitaram a brincadeira. Talvez isso tenha acontecido, porque estavam longe do momento formal da aula, se não conseguissem pular corda, pelo menos não teriam a presença da professora. No entanto, se isso aconteceu, causa-me estranhamento, pois em nenhum momento cobro dos alunos bom desempenho nas aulas, o que ressalto de importante é a

participação, e conseqüentemente se participarem irão conseguir fazer o exercício, mesmo que cada aluno no seu tempo. Isso é um grande desafio para mim, elaborar aulas interessantes e que possam ser positivas aos alunos.

Na aula seguinte, fomos surpreendidos pela chuva e como a escola não possui um pátio grande coberto tivemos de realizar uma atividade diferente da planejada para esse dia, mesmo assim ainda dentro do tema. Foram distribuídos pequenos bastões de aproximadamente 30 centímetros para cada um. Começaram a falar que a atividade era muito "babaca". Sem mesmo saber o que iria acontecer.

Com dias de chuva, os momentos tão esperados durante toda a semana parecem desmoronar, como se qualquer outra atividade que fosse ser feita, num ambiente coberto, não pudesse substituir o espaço da quadra ao ar livre.

Esses momentos de não aceitação da atividade tornam-se tensões para o professor. Porque sempre temos a necessidade de tornar a aula agradável e alegre, quando isso não acontece, surgem as dúvidas de como agir. Naquele momento não refleti sobre a questão, mas agora tendo essa oportunidade, acredito que solicitar para que os alunos ajudem a tornar a atividade mais motivante possa ser um caminho para vencer essa tensão.

Logo após, solicitei que começássemos pela cantiga do "escravo de Jó". Deveríamos cantar e realizar os movimentos característicos¹² dessa cantiga popular.

Da mesma maneira que fiz com a turma de 1ª e 2ª série.

Foi muito difícil realizar a atividade, alguns alunos não conseguiam se organizar e realizar os movimentos, e os outros não têm paciência para esperar que cada um aprenda.

¹² Nessa brincadeira passamos os bastões para o colega ao lado, todos no mesmo sentido e ao mesmo tempo, no ritmo da música.

Ficamos a aula toda nessa atividade e não conseguimos completar a música. Novamente fico com a impressão que poderia ter sugerido a troca dos movimentos pelos alunos, não deveríamos ter ficado somente nos movimentos característicos. Ficar preso somente a modelos pode reforçar a idéia de que só o que está padronizado é o certo. Além de ser uma local onde aprendemos muitos padrões a escola pode proporcionar momentos de discussões que levem a necessidade ou não de ruptura desses modelos, e isso não exclui as aulas de educação física. Para tanto, precisamos conhecê-los, a fim de criarmos novas formas de ação e possibilitarmos a construção de outros conhecimentos.

Na aula seguinte, já com o dia ensolarado, continuamos a realizar as atividades com corda grande, desafiando os alunos a realizarem movimentos diferentes dos saltitos tradicionais. Diferente da aula anterior, houve uma participação intensiva da turma, meninos e meninas. Todos se mostraram entusiasmados e desafiados a criar movimentos fora do convencional.

Já em outra aula, começamos a ensaiar para a festa junina. Com essa turma o tempo de exploração das atividades rítmicas foi bem restrito, impedindo que pudesse observar mais os alunos, bem como apresentar novas atividades referentes ao tema abordado.

Os meninos receberam um cavalo, representado por um cabo de vassoura, que deveriam utilizar durante a "Cavalhada", dança típica escolhida para eles, para conquistar as meninas, que tradicionalmente recebem o nome de "prenda". Confesso que durante a escolha das danças não percebi que para essa seria mais fácil aceitar seus papéis pois dançariam em formas de casais, sem inversão de papéis.

Começamos a elaborar a coreografia e a estabelecer as formações com a ajuda também das professoras polivalentes das turmas. Além de preparar o figurino elas também se propuseram a ensaiar com os alunos fora do momento das aulas de

educação física. Já com essa turma o trabalho com as professoras deu certo, desde a construção da coreografia até a confecção do adereço utilizado pelos alunos.

Durante as aulas seguintes realizamos os ensaios que muitas vezes tornaram-se cansativos, pela repetição dos movimentos. A turma assimilou com facilidade os passos característicos da coreografia, mas mais uma vez alguns meninos demonstraram falta de interesse pela atividade. São raros aqueles que se dispõem a participar com entusiasmo. O que pode ter contribuído para essa desmotivação foi a facilidade com que decoraram os movimentos. Deveria ter proposto novos passos e formações coreográficas, ou até mesmo deixar que sugerissem novas formas para realizarmos a apresentação.

5ª e 6ª série

Antes de iniciar a aula, no momento em que falei o tema, atividades rítmicas, alguns alunos começaram a reclamar, disseram que não queriam fazer dança e ginástica. Toda palavra que pode trazer algo que lembre dança ou outra prática corporal considerada feminina causa repulsa primeiramente nos meninos. Sem desconsiderar os comentários mas com o objetivo de iniciarmos a aula, começamos a conversar sobre os significados de ritmo. Alguns disseram que é dança e música, outros optaram pelo silêncio. Mais uma vez comentei sobre a dificuldade em definir o ritmo e continuamos então, conversando sobre ritmo interno, coração, respiração etc.

Depois desse breve reconhecimento começamos a explorar as cordas individuais (cada aluno com a sua corda), com saltos simples, duplo, cruzado, em duplas, trios, quartetos etc. Três meninos apresentaram muita dificuldade para fazer os saltos simples, mas se mantiveram desafiados pela atividade. Um desses meninos possui uma leve deficiência motora, mas é muito animado e participa de todas as aulas.

As meninas, como aparentemente apresentam maior familiaridade com a corda, mostraram mais facilidade em realizar os movimentos. Em vários momentos citaram que o ritmo da corda é diferente do nosso, sendo difícil controlá-la. Mesmo sem termos conversado muito sobre ritmo, eles entenderam e teceram comentários sobre o assunto como esse que citei anteriormente.



Depois passamos a trabalhar com a corda elástica grande. No início da aula fizemos um breve alongamento. Não tenho o costume de dar esses exercícios tão padronizados, mas gostaria de observar a reação dos alunos nesse momento. Quando começamos a mexer a articulação dos tornozelos alguns meninos começaram a fazer movimentos afeminados, como se fosse um movimento típico das meninas. Nesse aspecto GIFFONI (1964, p.45) relata que: *Os meninos, no geral, são mais extrovertidos e, às vezes, tendem ao exagero. Ao interpretar qualquer gesto ou movimento fazem-no de maneira depreciativa, caricaturando-o, ocasionando algazarra.* Talvez na tentativa de justificar o movimento, como se dissessem: *"olha estou fazendo, mas é tudo brincadeira"*. Percebo como está forte neles as preocupações na diferenciação entre movimentos femininos e movimentos masculinos, o que deve ou não ser feito. Nesse momento específico aconteceu com os meninos, mas se tivesse sugerido flexões de braço, talvez alguma menina pudesse se recusar a fazer, por ser um exercício de força, caracterizado como masculino. Os homens sofrem determinado preconceito por praticarem balé, mas as mulheres também passam por situação semelhante por praticarem halterofilismo, fisiculturismo ou mesmo luta de braço, modalidades que exigem um treinamento de força intenso. Todos esses padrões vão para a escola e consequentemente para a aula de educação física. Isso vai ficando como marcas ou rótulos como afirma, Guacira Lopes Louro (1999, p. 15):

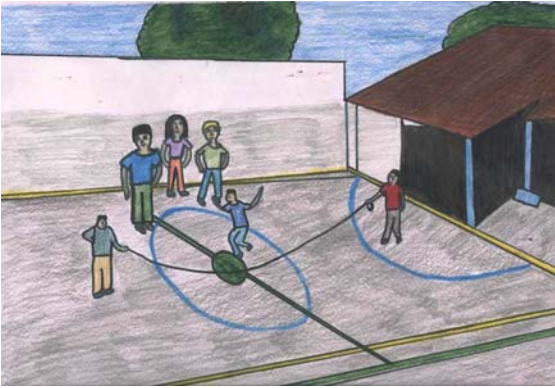
Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam.

Após iniciarmos os saltos na corda grande pude observar uma necessidade em relação à competição por parte de alguns meninos, competiam para ver quem ficava mais tempo sem errar. As meninas, nesse momento preferiram não competir com eles, continuaram a pular independentemente. Mesmo por que não foram convidadas pelos meninos a participarem da competição. Esse é um indício que ocorre com bastante frequência nas aulas de educação física. Os meninos e as meninas não sentem vontade de competir entre si, preferem as atividades separadas, no caso específico dos jogos esportivos, como por exemplo: vôlei, futebol, basquete etc, cuja organização oficial ocorre com base na separação entre homens e mulheres. Em jogos não oficializados como queimada, por exemplo, essa manifestação não aparece muito. A queixa das meninas é que os meninos são brutos e em contrapartida esses julgam-nas "lerdas" para acompanhá-los. Nessa escola especificamente, meninos e meninas sempre freqüentaram as aulas de educação física juntos, mas essa cultura das aulas separadas podem vir dos pais que provavelmente no período em que freqüentavam a escola, faziam as aulas separadamente, ou mesmo de outras escolas que ainda optam por esse modelo. O que pode não contribuir para uma co-educação (SARAIVA, 1999), pois os meninos não aprendem a respeitar os limites das meninas ou mesmo de outros alunos menos habilidosos em determinada modalidade e as meninas continuam a se julgar incapazes e inaptas a praticar esportes. Isso vem AO encontro com a citação de Saraiva (1999, p.19):

Para a Educação Física isto implica na concepção de co-educação como possibilitadora da desconstrução do estereótipo sexual para aceitação de uma cultura de gênero e para o encaminhamento de duas possibilidades: de um lado, que homens mais afinados numa cultura feminina possam ser, sem preconceitos, mais suaves e, de outro lado, que mulheres afinadas numa cultura masculina, possam ser, da mesma forma, mais fortes. Mas, sobretudo, que as valorizações para ambos em suas respectivas atuações sejam iguais.

Voltando ao momento da aula, outro fato, foi que todos queriam bater a corda, meninos e meninas, em alguns momentos percebi que era para fugir da atividade e em outros para "sacanear" os colegas, bater mais forte para que tivessem maior dificuldade com os movimentos. Muitos alunos, principalmente as meninas, têm medo da corda bater em seus corpos, dificultando o salto, elas se posicionam antes de entrar para pular muito longe da corda e acaba não dando tempo de entrar sem que a corda as toque. Em todos os exercícios, geralmente os meninos vinculam o prazer ao desafio. Podemos perceber que reparam nos colegas para observar os erros e acertos, fazem apostas e depois de um exercício bem executado comemoram com entusiasmo. Essa cultura esportiva está mais presente nos meninos do que nas meninas, provavelmente pelo fato dos meninos serem incentivados a praticá-los desde pequenos. O futebol acaba levando-os a terem interesses por outras modalidades. Já as meninas, em sua maioria, são incentivadas a praticarem atividades artísticas, como balé e música. Fica claro que essa constatação não é uma regra ,mas é o que observamos na maioria dos casos.

Continuamos a trabalhar quase que exclusivamente com a corda grande, fazendo algumas adaptações com as cordas individuais, como por exemplo, saltos simultâneos. Essas adaptações foram desafios sugeridos para que tentassem integrar saltitos com a grande corda e as cordas menores.



No decorrer das aulas, um menino, em momentos até ridicularizado pelos outros por sua pouca facilidade em realizar os exercícios, conseguiu realizar os movimentos com "perfeição", sendo referência nesses movimentos entre os colegas. Quando lhe foi apresentado essa nova possibilidade ele pôde buscar novas formas de ação, conseguindo realizar o exercício que para a maioria não foi possível. Esse aluno foi uma grande surpresa durante o ano para todo o corpo docente. Desde que entrou na escola, tinha um laudo de déficit de atenção, sendo tratado por nós de maneira diferenciada, servindo de justificativa para determinadas atitudes de falta de concentração nas aulas. Mas em tratamento com outra psicóloga, foi constatado que o problema desse menino era desorganização familiar e falta de delegação de responsabilidades que já podiam ser assumidas. A partir dessa constatação nós começamos a tratá-lo de outra maneira, como um menino com potencialidades a serem desenvolvidas e estimuladas na escola. Na educação física, após essa atividade com a corda, em que foi o único a executar o movimento, passou a servir de referência aos colegas. Os exercícios com as cordas puderam despertar nesse menino um incentivo a mais pela prática corporal. Não somente nele, mas principalmente nos colegas, pois tornou-se modelo aos outros.

Na aula seguinte, assistimos ao filme "Billy Elliot", como tinha sido planejado anteriormente. Para facilitar, reunimos todos os alunos de 5ª a 8ª. série no salão de vídeo da escola. Durante a exibição do filme pude notar que a maioria estava interessada, mas como estavam sentados no chão, o incômodo tornava-se uma barreira, impedindo que prestassem mais atenção no filme.

Em outro momento, conversei sobre o filme separadamente com cada turma depois de conversarmos um pouco com a 5ª. e 6ª. pude perceber que eles também discriminaram as atitudes preconceituosas presentes no filme. E não quiseram falar muito sobre o assunto, como se aquilo não tivesse importância.

Nas aulas seguintes começamos a trabalhar com a coreografia para a festa junina. Para essa turma ficaram as danças gaúchas. Como solicitava que formássemos pares, perguntei a eles qual seria a forma melhor: eles formariam de acordo com suas afinidades ou seria melhor eu, como professora, escolher? O grupo decidiu que seria melhor a professora escolher assim não teriam brigas.

Depois de formarmos os pares, como foi uma opção deles não houve objeção quanto à escolha, e então iniciamos o processo de elaboração da coreografia, com sugestões simultâneas entre professora e alunos.

Como é uma dança típica da nobreza, o contato entre o casal é muito importante. Nos momentos de tocar nas mãos e/ou na cintura os meninos e as meninas se sentiam envergonhados, vinculavam esses gestos a um simbólico cortejo, como se tivessem um interesse "amoroso" pelo par. Fomos conversando sobre essas questões e diminuindo as tensões que norteiam o "toque", já que ele não precisa necessariamente estar vinculado ao interesse sexual existente.

Os ensaios foram ocorrendo em meio a risadas e muito contentamento, os meninos e as meninas se envolveram bastante com a coreografia.



7^a e 8^a série

Iniciarei o relato das aulas dessas turmas separadamente, pois não aconteceram no mesmo momento. Como ao final do projeto as turmas foram unidas para os ensaios da apresentação, o relato englobará ambas.

7^a série

Numa manhã, decidida a iniciar a pesquisa, fui para a escola munida do diário de campo e disposição para trabalhar com as atividades planejadas para esse dia. Estava tudo combinado para começarmos a pesquisa com os alunos, mas como tínhamos encerrado na semana anterior o tema de vôlei, eles me pediram para jogar só mais essa aula antes de começarmos outro tema. Um menino já falou que não gostaria de fazer as aulas de ginástica rítmica, pois no início do ano eu sempre falo sobre todos os conhecimentos da educação física que vamos estudar. Como citei nesse momento que iríamos vivenciar as atividades rítmicas, eles logo associaram à ginástica rítmica. Como a ansiedade e os preconceitos do que poderia acontecer tomavam conta de mim, acabei cedendo, deixei que eles jogassem vôlei e comecei desde então a observar os comportamentos em relação às questões de gênero mesmo naquela atividade.

Vê-se que os professores de educação física sentem dificuldade em se libertar de determinados preconceitos e começar a propor uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, respeitando as diferenças e os interesses de cada um (DAOLIO, 1997, p.86).

Mais desafiador, é mostrar que meninos e meninas podem e devem se interessar por outras práticas corporais, não somente as que estão acostumados a fazer.

Durante o jogo, alguns meninos começaram a falar sobre as atividades rítmicas de uma forma sarcástica, relacionando muito ao balé clássico. Acredito que é a manifestação corporal da área da dança que eles mais conhecem. Atualmente, são muito comuns nas escolas de educação infantil, principalmente da região de Campinas, as aulas de balé clássico para as meninas e de judô para os meninos, como forma de atrativo e diferencial de atividades para as crianças. Qual mãe não sonhou ver a filha com collant rosa e coque no cabelo, num espetáculo de balé? A maioria delas com certeza. Desde cedo as crianças acostumam-se a enxergar os papéis sexuais dessa maneira, atividades para meninos e atividades para meninas. As instituições de ensino contribuem muito para a fixação dos papéis sexuais dessa forma.

Mais um ponto que merece reflexão: os cursos de inglês, espanhol, natação e computação são abertos a todos os alunos indistintamente, ao passo que a aula de dança é exclusiva para meninas e a de judô, exclusiva para meninos. As instituições de ensino que poderiam e deveriam ser propiciadoras de transformações, servir de exemplo para quebrar preconceitos e educar para a cidadania, acabam, infelizmente, em sua maioria, acentuando preconceitos (STRAZZACAPPA, 2001, p.53).

Confesso que fiquei um pouco irritada com os comentários, mas resolvi me calar naquele momento e apenas observar.

Nas semanas seguintes fiquei um pouco afastada desses alunos por motivo das provas trimestrais ocuparem as aulas de educação física. Em cada trimestre os alunos do ciclo II (5ª. a 8ª. séries) do ensino fundamental têm duas semanas reservadas para fazerem provas de todas as disciplinas. É estipulado desde o início

do ano que essas provas serão realizadas nas duas primeiras aulas de cada dia, ficando o professor dessas aulas responsável por acompanhar os alunos durante a prova.

Quando retornamos às aulas, iniciamos novamente a pesquisa. Logo que cheguei, dois alunos começaram a reclamar do tema, citando novamente que a aula seria de ginástica rítmica. Resolvi dizer somente que eram atividades rítmicas. Iniciamos pela corda. Então começamos a fazer saltos simples, bem familiar a eles, mas alguns meninos apresentaram dificuldade. Um dos alunos que reclamou no início da aula participou muito dessa atividade, sem fazer nenhum tipo de comentário que pudesse desmotivar a turma ou atrapalhar a atividade. Eu não expliquei nada antes da aula, fui falando sobre as atividades e eles foram experimentando os movimentos. Uma aluna vinda do Japão começou a apresentar muita facilidade e mostrou até aos alunos novos desafios, sendo desnecessária a minha intervenção para sugerir novas atividades, ela foi fazendo e todos se sentiram estimulados a fazer igual. Esse modelo foi de extrema importância, mostrou à turma que o que eu estava falando era possível de ser realizado.

Essa foi uma estratégia que apareceu sem que eu soubesse, impactando os alunos muito mais do que as minhas sugestões. A relação professor - aluno implica uma hierarquia no conhecimento, como por exemplo: o professor detém o conhecimento e o aluno tem de aprender, como se aluno nunca fosse alcançar tal patamar. Já a menina vinda do Japão, era uma possibilidade, algo que poderia ser alcançando, por isso causou tanto impacto, motivando os alunos e as alunas.

Num momento da aula, quando estavam bem entrosados, falei um pouco sobre ritmo, explicando o porque do nome "atividades rítmicas", de uma forma bem tranquila, perguntando sempre a eles o que pensavam sobre o tema. Um aluno se sentiu intimidado e não participou muito da aula, ficava olhando para a corda, para o

lado, dava um salto, parava, tentando muitas vezes fingir para mim ou para ele mesmo que estava participando a aula. Em momento algum os meninos disseram que não iriam participar, pois aquilo era coisa de menina. O medo da rejeição que eu sentia foi dando lugar ao entusiasmo em continuar com as aulas e a descobrir com eles novas formas de ação.

Na aula seguinte, iniciamos com uma atividade que sugeria caminhar no ritmo da música e quando ouvissem a batida no atabaque deveriam mudar de direção e depois saltar. As meninas e os meninos mostraram-se bem desmotivados pela atividade e também pela música que propus (rock nacional). Quanto ao estilo musical pude perceber que o grupo pode ser dividido em dois: um que gosta de música tecno (som característico tocado nas casas noturnas) e outro de rock pesado. Pois quando percebi a desmotivação, sugeri que viessem procurar algo que lhes agradasse. Logo um grupo escolheu as músicas que comumente ouvem nas danceterias que freqüentam, as chamadas “baladas”, e outro grupo pegou uns cds que traziam na mochila para que pudéssemos conhecer e ouvir. Conversamos que o espaço escolar deve ser utilizado para conhecer e vivenciar o novo, valendo isso também para os estilos musicais, por esse motivo nas atividades utilizamos muitas vezes ritmos variados, sons que geralmente não estão acostumados a ouvir. Ou mesmo refletir sobre os estilos que eles já gostam. Com essa faixa etária a conversa mostra-se uma estratégia pedagógica interessante, pois conseguimos dialogar com maior profundidade e chegarmos à conclusão de que podemos mudar alguns conceitos estabelecidos pela sociedade.

Começamos depois com a corda grande e a individual. Continuaram a treinar os movimentos propostos na aula anterior. Fiquei muito envolvida com a atividade e no momento em que me dei conta, as meninas estavam sentadas conversando e somente os meninos estavam entretidos na atividade junto comigo. ESPANTO!!!! Não

imaginava que os meninos fossem se envolver tanto. OLHA O PRÉ-CONCEITO!!! Quanto às meninas, precisei chamá-las de volta para a aula. De certa maneira, as meninas não são preparadas para a competição ou para o desafio, nos esportes e/ou no mercado de trabalho, mas na escola isso é cobrado (ROMERO, 1994). Na verdade não sei se o motivo era realmente esse, ou se estavam com vontade de conversar e não de participar. Atualmente as mulheres assumiram outros papéis, além do de cuidar da casa e da educação dos filhos. Nesse grupo de alunos em questão, observo que tanto meninos quanto meninas não vivenciam as brincadeiras de rua, limitam-se a ficar em frente ao computador, ou no telefone celular. Muitos deles ainda não tiveram a oportunidade de andar de ônibus circular, dependem exclusivamente da carona dos pais ou de outro adulto. Estão presos aos limites da casa, por motivos de segurança ou ocupados com os inúmeros afazeres extra-curriculares, como informática, inglês, natação e/ou academia.

Para alguns autores a nossa sociedade ainda é androcêntrica, afirma Romero (1994, p.231): *(...) o papel masculino tem maior prestígio, não é de surpreender que os meninos desenvolvam maior preferência pelo papel masculino do que as meninas pelo papel feminino*. Esse papel feminino tem ficado cada vez mais desinteressante, pois além de terem a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos, existe o mercado de trabalho que precisam enfrentar, carregado de preconceitos por aquelas que o invadem tirando o lugar dos homens, "pais de família". Se ambos, masculino e feminino, decidissem mergulhar no universo humano e em suas diferentes potencialidades, poderiam encontrar um alargamento de suas possibilidades (SARAIVA-KUNZ, 1994).

Novamente a aula, começamos a misturar alguns movimentos característicos da ginástica, como rolamentos e estrelas com a corda grande em movimento. Alguns meninos, nesse momento, sentiram-se muito motivados, acredito, pelo desafio da

atividade. Alguns meninos conseguiram realizar a atividade com muita facilidade, já as meninas ficaram constrangidas em correr esse "risco" da corda bater nelas.

No final da aula, eles quiseram ficar um pouco com o atabaque, e começaram a jogar capoeira, sem que eu solicitasse. Percebo que a turma tem autonomia e ousam naquilo que querem fazer. A capoeira faz parte do cotidiano de alguns meninos dessa turma. Poder unir essa experiência ao tema do ritmo é um trabalho muito enriquecedor. Foi muito interessante, talvez não positivo, principalmente porque só os meninos participaram, as meninas não quiseram entrar na roda para jogar. Como as meninas não tinham vivenciado anteriormente a capoeira, afastaram-se e quiseram timidamente ajudar com as palmas. Como o tempo da aula já tinha terminado não tive a oportunidade de dar continuidade a esse momento.

Na semana seguinte, iniciamos a aula assistindo a uma coreografia feita com cordas grandes e individuais pelo Grupo Ginástico Unicamp (GGU), num Congresso de Educação Motora realizado em Foz do Iguaçu (1996). Os alunos manifestaram-se positivamente durante a apresentação, principalmente nos movimentos mais difíceis que os ginastas estavam mostrando. Como já tinha ocorrido com a aluna que veio do Japão, esse recurso áudio-visual serviu de modelo aos alunos que se sentiram motivados a continuar praticando os saltos na corda. Acredito que para os meninos foi muito importante também, pois no grupo do GGU tem um número satisfatório de homens que fazem ginástica, ajudando a romper as barreiras do preconceito de que ginástica *"é coisa de menina"*.

Depois, já na quadra, voltamos a relembrar os movimentos anteriores na tentativa de elaborarmos uma seqüência. Novamente um dos alunos que não queria participar das aulas no início do processo, surpreendeu-me. Como ele descobriu que tinha facilidade com as atividades de corda, começou a ajudar os outros que não

estavam conseguindo fazer os movimentos. De uma forma muito peculiar ele conseguiu motivar seus colegas e estimulá-los a tentar novamente cada exercício.

No final da aula, as meninas pediram para pular um pouco de corda utilizando cantigas populares, lembrando sua infância. Permitir que os alunos tenham a liberdade de expor o que querem fazer pode ser um indício de como estão aceitando as atividades, mesmo que em determinados momentos não seja possível atender aos pedidos. Os meninos também participaram espontaneamente das brincadeiras, mas pude perceber algumas nuances. Eles se recusavam a cantar e pediam às meninas que cantassem enquanto pulavam.

Tais cantigas têm características muito femininas, relacionadas à vida cotidiana das meninas, como por exemplo:

1. Um homem bateu em minha porta e eu abri;

Senhoras e senhores, põe a mão no chão;

Senhoras e senhores, pule de um pé só;

Senhoras e senhores, dê uma rodadinha e vá pro olho da rua.

OBS: Enquanto pulam eles devem realizar os movimentos pedidos na música.

2. Salada, saladinha, bem temperadinha, com sal, pimenta, fogo, foginho.

OBS: No final, a corda é batida cada vez mais rapidamente, e os pulos têm de acompanhar o ritmo da corda.

Os meninos preferem essas duas cantigas, pois de certa forma oferecem mais desafio. Como são movimentos combinados, talvez tenham mais oportunidade de mostrar suas habilidades.

3. Com quantos anos você pretende se casar, com um, dois, três, quatro etc.

OBS: No momento em que o participante erra, fica definido a idade em que vai se casar.

4. Suco gelado, cabelo arrepiado, qual é a letra do seu namorado?, a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n etc.

OBS: Da mesma forma, na letra em que o participante erra, fica definida a letra inicial do nome do seu namorado.



Há uma forte característica feminina nessas últimas cantigas, em relação ao papel de esposa, da mulher, em nossa sociedade. As meninas são estimuladas a se preocuparem com isso desde muito pequenas. Uma idéia para romper com o estímulo a esses papéis pode ser a sugestão de motivá-los, meninos e meninas, a mudar a letra das músicas. Expor essas características que as cantigas possuem e desafiá-los a trocar palavras ou até mesmo melodias e ritmos.

Na aula seguinte, assistimos ao filme 'Billy Elliot'. Somente a minoria da turma tinha assistido, tornando-se interessante para a maioria dos alunos o tema abordado. Pelo menos era o que eu achava. Como não possuímos na escola um salão adequado com cadeiras, algumas alunos ficaram sentados no chão, tornando o momento um pouco desconfortável. As conversas e comentários são inevitáveis e até fazem parte desse momento, em cada cena, alguns se manifestam com piadinhas ou comentários mais elaborados. Tudo foi observado com o objetivo de conversarmos na aula seguinte.

Depois, conversando sobre o filme, os alunos aparentemente não se mostraram preconceituosos em relação ao tema abordado. Porém, um aluno disse que era bem chato e que eles não deveriam fazer um filme sobre esse assunto, afinal *"cada um deve fazer aquilo que tem vontade"* (fala deste menino). Podemos observar com essa reação que, muitas vezes, durante as aulas de educação física os momentos de conversa ficam "truncados", eles julgam que é perda de tempo e poderiam jogar bola ao invés de conversar. Ou porque aquele tema não fazia parte do cotidiano deles, nenhum dos meninos demonstrava interesse em ser bailarino.

A conversa pós filme foi frustrante para mim, pois julgava que causaria muito impacto, mas estava enganada, ser bailarino não fazia parte da realidade de nenhum dos meninos, e ficamos somente num discurso "politicamente correto".

Se tivesse proposto uma conversa sobre preconceitos talvez pudessem participar mais e até compartilhar fatos que vivenciaram.

Para a minha surpresa, o vídeo do GGU suscitou mais o interesse deles do que o filme. Refletindo a respeito, penso que isso aconteceu pois pular corda e/ou participar de um grupo como o GGU, é possível e naquele momento fazia parte do cotidiano deles, diferente do filme do Billy Eliot. Eles observaram que assim como a colega vinda do Japão, também poderiam executar as atividades com corda e até mesmo propor novas atividades. (...), *a criança imita procedimentos que obtiveram êxito em pessoas que lhe são importantes* (DAOLIO, 1997, p83)

Conversamos, ainda, sobre diferenças de um filme comercial e um filme *cult*, por isso talvez o desinteresse pelo estilo do filme "Billy Elliot". Na verdade, o que eu achei que geraria polêmica, acabou sendo uma decepção, já que eles não quiseram comentar e não se mostraram preconceituosos. Para mim que fui bailarina e vivenciei somente a presença de um homem na academia e todas as conversas maldosas que faziam, o tema do filme era muito interesse, mas para eles não.

8ª série

Com a turma de 8ª. série demorei muito para iniciar as aulas sobre atividades rítmicas. Na verdade parecia que tudo estava atrapalhando: chuvas, passeios, compromissos. Estão saindo da escola e outros eventos acabam se tornando prioridades, como: viagem de formatura, simulados, notas, vestibulinhos, estudo do meio ambiente etc. Aquele desejo pela aula de educação física acaba ficando escondido, deixando claro para mim o desinteresse pelas atividades.

Iniciamos a aula falando um pouco sobre a tema e propus a atividade com as cordas grandes, como na série anterior (7ª. série). As meninas mostraram muito entusiasmo pela atividade bem como se mostraram desafiadas pelos movimentos. Uma menina bem apática nos jogos, como futebol, volei, handebol e basquete, mostrou um contentamento muito grande com essa mudança na aula e passou a participar com mais entusiasmo. Essa aluna tinha verdadeira aversão aos conhecimentos dos esportes e era um desafio motivá-la para a aula, pois em vários momentos ela se recusava a participar.

Por outro lado, alguns meninos, apenas três nessa turma, “enrolaram” a aula inteira, fingindo estar fazendo a atividade, mas na verdade estavam participando somente o mínimo. Não senti a necessidade de repreendê-los, decidi somente alertá-los de que tinha percebido a não participação na aula.

Na semana seguinte, iniciamos o trabalho retomando as atividades da aula anterior. Os meninos participaram um pouco mais no início da aula, mas depois começaram a enrolar novamente. As meninas começaram a entoar as cantigas, mudando a letra para que não ficassem tão infantis, afinal não se vêem mais como crianças ou mesmo no direito de cantarem tais músicas.

Quanto ao filme do Billy Eliot, também disseram que gostaram e que achavam "normal" menino fazer balé. Uma menina comentou que ele ficou muito bonito no final do filme, sendo motivo de gozação das outras. Na idade em que estão, fica muito forte o tema beleza, revelando que isso é muito mais importante do que a discussão que o filme traz sobre o preconceito. Resolvi fazer a seguinte pergunta: *"E se eu chegasse na aula e propusesse o balé como próxima atividade, como vocês reagiriam?"* Um menino disse que não faria e uma menina também não, os outros se manifestaram a favor da aula. Será? Dificilmente iria propor o balé como conteúdo da aula de educação física escolar, pois acredito ser uma manifestação da dança muito específica, devendo ser praticada fora do ambiente escolar, por escolha livre dos praticantes. Apesar de terem afirmado que a maioria participaria da aula, acho difícil que fizessem com disposição e entusiasmo. Talvez fizeram essa afirmação para não mostrarem explicitamente seus preconceitos, pois tínhamos acabado de falar sobre isso. Penso que os dois alunos que responderam não, acho que foram mais corajosos em falar o que realmente achavam.

7ª e 8ª série

Agora já com as duas turmas fazendo as aulas juntas, começamos a falar sobre as idéias iniciais em realizar a quadrilha com a junção de ritmos da escolha deles. Antes mesmo de terminar, um aluno manifestou-se dizendo que não iria participar porque não gosta dessa "história" de dançar. Como já tivemos experiências anteriores com a não participação dos alunos, juntamente com a direção da escola e os outros professores, tomamos a decisão em não punir os alunos por essa atitude. Tentativas anteriores me mostraram que obrigar os alunos a participar sob a punição de nota baixa ou trabalho escrito, não resolve o problema, somente cria mais inimizades e afasta o aluno da possibilidade de conhecimento. Optamos por nos (todos os professores) empenhar em conversar mostrando a importância da participação nessa festa tradicional da escola, o quanto seria importante para ele e para a turma.

Depois dessa conversa começamos a ensaiar a "quadrilha", dança folclórica reservada para essa turma. Mais uma vez eles decidiram que eu deveria escolher os pares para não haver problema. Ficou muito clara a opção deles pelos pares, mas ao mesmo tempo eles não querem assumir as escolhas com medo dos comentários ou até de uma possível rejeição. Usei o método mais simples, por ordem crescente de tamanho. Poderia ter sugerido que as meninas ficassem em ordem crescente e os meninos em ordem decrescente, para tirar o estigma de que as meninas ao formarem pares precisam ser menores que os meninos. Uma aluna, com deficiência mental leve, formou par com um aluno que é muito atencioso. Isso foi bom. O que não era para gerar problema, gerou ... no meio do ensaio uma aluna muito participativa disse que não ia mais, pois ficou com um menino que não gostou. Ela não disse isso,

mas pude perceber pois o seu par é um menino que por elas é considerado *feio*. Tentei não fazer disso um momento intenso de discussão, para não constranger seu par e remanejei a turma, mas sem a presença da menina.

Decidimos colocar uma diferenciação na nossa quadrilha e resolvemos intercalar a música tradicional com outras não-típicas. Eles tiveram a oportunidade de escolher as músicas, sendo que não poderiam escolher estilos musicais apelativos à exposição do corpo que sugerem gestos sexuais exagerados. Alguns alunos sugeriram que poderíamos colocar músicas antigas em homenagem aos pais. Ficou combinado que na aula seguinte todos trariam cds para que pudéssemos escolher as músicas.

Na aula seguinte, alguns alunos trouxeram sugestões de músicas. Escolhemos uma de cada aluno que trouxe, com o consenso da turma. Após a seleção, entregamos os cds a um aluno que se prontificou a gravar e "mixar" as músicas selecionadas. Continuamos o processo de elaboração e ensaio da coreografia. Percebi que a maioria estava participando sem muito entusiasmo, mas com momentos de brincadeira solicitava que mostrassem mais animação. Com essa turma, combinamos que ao final dos ensaios poderíamos realizar atividades escolhidas por eles que estivessem dentro do tema trabalhado. Esses momentos tinham como intenção pedagógica resgatar as atividades já trabalhadas e proporcionar aos alunos a oportunidade da escolha. Fazia parte desse processo também a liberdade para criarem variações ou mesmo novas atividades. Nesta aula, especificamente, todos preferiram continuar "pulando corda".

No outro ensaio, chegou um aluno novo para turma da 7ª. série. Pedi àquela aluna que desistiu de participar no início dos ensaios, para que fizesse par com ele,

já que era "bonito" ¹³, ela prontamente aceitou. Como o menino que ela desprezou, também estava sem a sua parceira, acabei participando do ensaio com ele nesse dia. Os estereótipos de beleza são muito fortes em nossa sociedade, aqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos pela mídia, são marcados e condenados ao desprezo.

O padrão de beleza nada mais é do que um jogo de interesses que nos envolve de tal maneira que todas as mulheres desejam sempre estar três quilos mais magras e os homens tentam eliminar a temível "barriguinha". Não estar dentro dos padrões estabelecidos por pessoas que muitas vezes não têm a vida que a maioria da população tem, acaba sendo motivo de discriminação e sentimento de inferioridade.

Quando começamos a dançar percebi que tinha dois meninos juntos. FIQUEI interiormente ESPANTANDA e perguntei o porquê. Disseram que como suas damas não estavam presentes resolveram se juntar para não perder o ensaio. "VITÓRIAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!!" Um desses meninos, veio do Japão, e, mostrou-se muito tímido, trazia aspectos culturais diferentes do nosso, e isso o permitiu dançar com outro menino, sem problema. O outro menino, o que tomou a iniciativa, usava o cabelo como moicano, espetado para cima, e na cor vermelha. Ele era o único na escola que tinha essa característica. Estava acostumado a ser diferente, romper barreiras. Portanto, acredito que foi simples tomar a decisão de dançar com outro menino. O que os outros iriam pensar aparentemente não fazia diferença para ele.

Os outros começaram a rir deles, mas de uma forma que parecia até carinhosa, só para dar risada mesmo. No entanto, apesar dessa impressão inicial, penso que refletindo melhor sobre o assunto, podemos considerar que tais risos revelam preconceito. Aqueles meninos não se sentiram acuados, certamente por

¹³ Essa classificação foi dada e comentada pelas alunas da turma.

causa do cabelo de um (que já deve ter sido motivo de muitas risadas não só na escola mas também fora dela) e pelo fato do outro não falar a língua corretamente, ter sotaque etc. Mas em outro momento os risos poderiam causar grandes constrangimentos.

Podemos dizer também do adolescente, que muitas vezes se mostra rebelde mas que é capaz de quebrar barreiras culturais. Justamente por conta dessa rebeldia, que fazem o inesperado, o surpreendente.

O que ficou muito forte para mim naquele momento, foi que eles mesmos constatarem o problema e buscaram uma solução sem me perguntar. É importante essa autonomia. Teriam um motivo para não participar, mas acharam uma solução simples.

A escolha de práticas corporais e/ou atitudes não precisam exercer, nenhum tipo de influência na opção sexual de cada um.

Na mesma época, realizávamos na escola uma gincana inter-classes e numa das provas os alunos precisavam elaborar um espetáculo artístico com duração de 30 segundos. Para a minha surpresa as turmas de 6ª e 7ª série elaboraram uma apresentação realizando movimentos com a corda. Aquela aluna brasileira, que morou alguns anos no Japão, apresentou-se com a corda individual, movimentos técnicos que aprendeu anteriormente. Na outra turma, um aluno apresentou movimentos com a corda grande e a individual ao mesmo tempo, movimentos que aprendeu no início das nossas aulas de atividades rítmicas.

No dia da festa junina, o grande dia, a maioria dos alunos esteve presente, principalmente os de 5ª a 8ª série. Eles participaram com muito entusiasmo e os pais demonstraram satisfação em assistir as apresentações. Não tive a oportunidade de conversar com os alunos logo após as apresentações pois a festa sempre acontece no último dia de aula, portanto na semana seguinte entramos no período de férias.

As apresentações foram muito importantes no processo, além de tudo o que aconteceu durante as aulas, gerando inúmeras reflexões, caracterizando-se como grande conquista, principalmente pela grande participação dos alunos e das alunas. Apesar da correria e da ansiedade, pude observar em seus olhares o contentamento em mostrar aquilo que demoramos tanto para elaborar, para deixar pronto. Os pais também esperam com ansiedade por esse momento, com máquinas fotográficas e filmadoras para registrarem o acontecimento em que seus filhos são as "grandes estrelas da noite". Esse dia também foi um marco importante, dentro de todo o processo. Nesse sentido Ayoub (2003, p. 94), afirma que:

As apresentações em momentos comemorativos da escola, envolvendo as diversas turmas específicas ou grandes grupos de alunos de várias séries, também ganham um significado muito especial, como uma possibilidade de demonstrar para a comunidade escolar o trabalho desenvolvido na educação física. É tanto melhor se as composições refletirem o processo de elaboração, sistematização e organização do conhecimento com vistas a buscar níveis cada vez mais profundos de compreensão.

Acredito que se os alunos não tivessem participado de todo o processo juntamente comigo, esse momento não se mostrasse tão importante e enriquecedor. Todos os momentos que vivenciamos juntos foram o eixo central do trabalho, sendo a participação dos alunos no dia da festa um foco, mais uma conquista.

"Vê-se que os professores de educação física sentem dificuldade em se libertar de determinados preconceitos e começar a propor uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, respeitando as diferenças e os interesses de cada um".

(Daolio, 1997, p.86)

Batidas duradouras ...

Depois de encerrado o projeto, continuo trabalhando na mesma escola com a disciplina de educação física e posso dizer que as aulas não são mais as mesmas, porque principalmente eu, não sou mais a mesma. Consigo enxergar os alunos de outra maneira, vejo possibilidades novas de trabalho. Tenho a certeza de que os alunos podem me ajudar e muito na construção das aulas, e que novas atividades podem ser bem vindas e propiciar o rompimento de barreiras, não apenas para eles mas principalmente para mim.

Alguns detalhes também se mostram diferentes, algumas atividades apresentadas ou criadas durante o projeto hoje fazem parte da rotina da escola. Principalmente as brincadeiras de pular corda que antes eram solicitadas somente pelas meninas, já fazem parte das brincadeiras dos meninos na hora do recreio.

A história e a cultura nos mostram que as mudanças sociais são efetivadas à medida que os seres humanos desenvolvem outra percepção da realidade, adquirem novos interesses, constroem novas relações (SARAIVA, 1999, p. 162).

Os objetivos propostos no início do trabalho foram contemplados, na medida em que consegui refletir sobre a minha atuação como professora de educação física e nas inter-relações dos alunos e das alunas. Em todas as situações pude descobrir caminhos que podem ser percorridos e que todos os conhecimentos a serem trabalhos na escola devem fazer parte de um processo. Consegui as respostas para algumas das questões que me fizeram pensar na pesquisa, mas surgiram outras que carecem de tempo para serem refletidas, enfrentadas. Tive a oportunidade de observar e refletir sobre as aulas, com um olhar diferente, na tentativa de

compreender as questões que envolvem as relações entre as atividades rítmicas e gênero no contexto da educação física escolar. E isso são as marcas da pesquisa que ficam na professora/pesquisadora. Mas apareceram nuances relacionadas a preconceitos não somente ligados ao gênero, como também a respeito da minha própria prática docente que trouxe à tona elementos para a reflexão

Como professora tenho procurado compreender mais as situações que acontecem na escola, não só na aula de educação física, mas nas reuniões, nos intervalos, nos eventos, momentos que possam gerar questionamentos a respeito dos preconceitos que envolvem as relações de gênero. O que se destaca também são as estratégias que podemos buscar para lidar com essas relações, as quais possuem mecanismos que extrapolam ou se confrontam com o discurso racional, ou o que chamamos de "politicamente correto" na escola.

Hoje, dois anos após a pesquisa, boa parte dos alunos ainda frequenta essa mesma escola. E o olhar daquela que quer compreender ainda está presente, mais perspicaz e ousado.

Tenho tido a oportunidade de juntamente com o corpo docente realizar novos projetos dentro da escola. Nesse ano de 2006, iremos realizar um projeto sobre a temática do circo, envolvendo todas as turmas de 1ª a 8ª série e também outras disciplinas além da educação física, como: história, língua portuguesa e arte. Foi um trabalho proposto por mim e que alguns professores concordaram rapidamente.

Acredito que posso contribuir ainda mais apresentando esse trabalho aos professores na tentativa de criar um espaço de discussão sobre essa temática, já que as questões de gênero não são restritas somente à educação física, e com certeza poderíamos observar fatos muito ricos dentro do espaço formal da sala de aula, mas que essa pesquisa não se propôs a fazer.

Ainda encontro muitos problemas nas aulas com relação à aceitação dos alunos frente às atividades a serem desenvolvidas, principalmente por que a cada ano a escola recebe novos alunos que não participaram do processo que descrevi nesse trabalho. Mas me sinto mais segura e convicta de que com respeito às diferenças e persistência nas vivências que a educação física deve proporcionar, os alunos podem experimentar diferentes práticas corporais.

Como professora do ensino superior¹⁴ posso compartilhar o ser professor com meus alunos, buscando estratégias que os levem também a pensar as questões culturais, e conseqüentemente as de gênero, como fatores relevantes à prática pedagógica.

A caminhada continua, com outras incertezas e dúvidas, (...) e uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos certos de nossas certezas.
(Freire,1996, p.30)

¹⁴ Atuação no ensino superior dá-se numa instituição na cidade de Americana, para o curso de educação física, ministrando as disciplinas de Educação Física Infantil e Estrutura e Funcionamento da Educação Básica

Bibliografia

ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro-RJ: LTC, 1981.

AYOUB, Eliana. Brincando com o ritmo na Educação Física. *Revista Presença Pedagógica*, v. 6, n. 34, jul/ago 2000.

_____. *Ginástica Geral e Educação Física Escolar*. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas* vol I São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BILLY ELLIOT filme de Stephen Daldry, produzido pela TIGER ASPECT PICTURES. VÍDEO. Inglaterra/2000).

BOND, Karen. Como "criaturas selvagens" domaram as distinções de gênero. *Proposições - Revista quadrimestral - Faculdade de Educação - UNICAMP*, v.9, n.2 [26], p.- junho/1998.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em "antas". In: *Cultura: educação física e futebol*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.

DINIZ-PEREIRA, Julio e ZEICHNER, Kenneth. *A pesquisa-ação na formação e no trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-posições - Revista quadrimestral - Faculdade de Educação - UNICAMP*, v.14, n.3 [42], - set/dez 2003.

FRAGA, Alex. *Corpo, identidade e bom-mocismo - cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FONTANA, Roseli. *Mediação pedagógica na sala de aula*. 2ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1996.

_____. *Psicologia e trabalho pedagógico*. Roseli Fontana e Maria Nazaré da Cruz. São Paulo-SP: Atual, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das letras, 1989.

GERALDI, Corinta. MESSIAS, Maria da Glória. GUERRA, Miriam. Refletindo com Zeichner: um encontro orientado por preocupações políticas, teóricas e epistemológicas. In: PEREIRA, Elisabete. (org) *Cartografias do trabalho docente: professor(a) - pesquisador(a)*. Campinas-SP: Mercado das letras, 1998.

GIFFONI, Maria Amália. *Danças folclóricas Brasileiras*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1964.

IDLA, Ernst. *Movimiento y ritmo: juego y recreación*. Barcelona: Editorial Paidós, 1982.

KEMMIS, S. e WILKINSON, M. A pesquisa-ação participativa e o estudo da prática. Apud DINIZ-PEREIRA, J. e ZEICHNER (org) *A Pesquisa na formação e no trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LANGLADE, A. e LANGLADE, N. R. *Teoría General de la Gimnasia*. Buenos Aires: Editorial Stadium, 1970.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.

_____. (org) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PICCOLO, Vilma. *Uma análise fenomenológica da percepção do ritmo na criança em movimento*. Tese de doutorado, FEF - UNICAMP, Campinas - SP, 1993.

ROMERO, Elaine. A Educação Física a serviço da ideologia sexista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 15, n. 3 - JUN/1994.

SARAIVA, Maria do Carmo. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. O gênero: confronto de culturas em aulas de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 15, n. 3 - JUN/1994.

SOUZA, Eustáquia. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Tese de doutorado.

STINSON, Susan. Reflexões sobre a dança e os meninos. *Pro-posições - Revista quadrimestral - Faculdade de Educação - UNICAMP*, v. 9, n.2 [26] - junho/1998.

_____. Vozes de meninos adolescentes. *Pro-posições - Revista quadrimestral - Faculdade de Educação - UNICAMP*, v. 9, n.2 [26] - junho/1998.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva ... e no chão de cimento. In: FERREIRA, Sueli. *O Ensino das artes: construindo caminhos*. Campinas-SP: Papirus, 2001.

VYGOTSKY, Lev. *A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6ª. Edição - São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WARSCHAUER, Cecília. *A Roda e o Registro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (org) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZEICHNER, Kenneth. Formação de professores: contato direto com a realidade da escola. *Revista Presença Pedagógica*, v.6, n.34, jul/ago 2000.

_____. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: PEREIRA, Elisabete. (org) *Cartografias do trabalho docente: professor(a) - pesquisador(a)*. Campinas-SP: Mercado das letras, 1998.

ANEXO

Texto explicativo sobre as danças típicas brasileiras:

QUADRILHA: Conhecida também como dança caipira, a quadrilha é dançada em todo o país. Tem suas raízes em um bailado palaciano praticado nas cortes européias desde o início do século XIX. Chamado na Inglaterra de country dance, chaga até a França e Portugal e dali, ao Brasil. Apesar de ter se modificado bastante no decorrer do tempo, sua essência permanece nas coreografias executadas aos pares. Esta dança, no Brasil, ultrapassou os salões e a sua difusão foi tamanha que deu origem a outras danças no mesmo estilo. **FESTA DO BOI:** As festas de boi têm diferentes características em várias regiões do país, mas um só desejo: alegrar e fazer dançar o povo brasileiro. A alegria de suas roupas coloridas, bordadas e cheias de fitas, suas músicas e encenações demonstram a riqueza das festas populares. No Maranhão, durante as festas juninas, São Luís fica repleta de bois, que brincam pelas ruas e contam a história de um negro escravo, Pai Franscico, que para satisfazer os desejos que tem sua mulher grávida, a mãe Catirina, de comer a língua do boi ensopada, mata um boi do patrão... e está formada a confusão. **CAVALHADA:** A cavalhada é uma brincadeira muito comum em festas populares religiosas de estados como Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Sul. Cavaleiros cristãos e mouros lutam para converter o inimigo à sua religião, em posse de seus cavalos, espadas, lanças e pistolas de pólvora seca, começa o grande espetáculo. Cada vitória é comemorada com uma prenda, oferecidas pelo vencedor, com um galanteio, à mulher amada. A festa pomposa finaliza com as despedidas emocionadas dos participantes e acenos ao público. **FESTA DO FREVO:** Pernas e braços dobram e se esticam rapidamente, giram,

abaixam-se, pulam. A sombrinha colorida vai para cima e para baixo, gira suas cores vivas, e o corpo ferve na alegria do Carnaval de Pernambuco. O frevo existe desde o século XIX. Seus passos nasceram dos capoeiras, que brincavam e brigavam nas ruas para se defender dos inimigos e da polícia. Eles usavam bengalas e guarda-chuvas velhos não só para dançar, como também para se defender e atacar quando necessário. Para dançar o frevo, o passista tem de ser criativo e improvisador, dançando de forma solta, livre e rápida. **DANÇAS GAÚCHAS:** Pares de rapazes e moças vestidos com roupas gaúchas cantam e bailam olhando um para o outro: é a dança do pezinho, a dança dos enamorados. Dançam sempre sorrindo, batendo com os pés no chão e girando de braços dados. Outra dança gaúcha é a chula, o sapateado dos homens feito entre uma vara no chão e para desafiar o companheiro, quanto mais complicados os passos mais a torcida vibra. O aplauso da platéia mede a preferência pelo dançarino, que, galante, joga seu chapéu ou lenço para a moça mais bonita da festa (GIFFONI, 1964).

